

332

Anuario

Os

ABANDONADOS

Insituto Politecnico de Lisboa

DRAMA EM 3 ACTOS

ACADEMIA INSTRUCTIVA DO PESSAL DO S
CAMINHOS DE
FERRO DO LESTE E NORTE DO S
SEDE
ANTIGO THEATRO-TABORDA
COSTA DO CASTELO 75
LISBOA

Oi
Abandonados.



Drama em 3 actos.

Original de J. A. Parnahi

Arrouches. 15-9-905.

OS ABANDONADOS

Drama em 3 actos

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Original de J. et. Barnabé

Escola Superior de Teatro e Cinema

Atorches

15-7-905

- Personagens -

Hilda da Sclavia	Anna de Carmalho
Amabelle da Ferrica e Affonso (primos)	Amabelle
Amabelle da Ferrica (irmã de Hilda)	António
Gerardo (procurador de Hilda)	Teófilo
Henrique de Affonso (pai de Hilda)	Barbosa
Ezequiel (procurador e primo de Hilda)	Santos
Francisca (mãe de Henrique de Affonso)	Dulce
Alm. crente	et. et.

O 1.º acto passa-se em Lisboa, o 2.º nos suburbios de Lisboa
e 3.º em Espachil

e Actualidade

Acto I

Sala luxuosamente mobiliada. H. D. uma pequena
livraria e papéis de musica partas ao F. e L.

Acto I Hilda e Arnaldo

Hilda

(sentada á livraria se lembra musica, Arnaldo sus-
taido ao lado de Hilda e prestando-lhe a attenção) Dig-
estão, o sr. Arnaldo, que me canta muito ² tra-
balhar.

Arnaldo

É tempo, a dizer: e memorias não deve trabalhar
tanto, porque se, e a minha terra, a minha muito de-
pressa. É um modo velho, bem sabe.

Hilda

Sim, em um tempo velho, tempo um muito e despre-
zavel, não é verdade? Os homens são assim, como
as mulheres enquanto novas, depois de velhas,
abroçam-nas e desprezam-nas.

Arnaldo

Não seja tão severa nas suas affirmações, Hilda.
Se os homens amam as mulheres enquanto no-
vas, é porque ellas se amolecem, não se deridem a
presença das suas annos, como a sua belleza,
grazas e encantos. É, bem sabe, Hilda que é propria
da mocidade. Os mulheres, depois de velhas, se
nos podem inspirar respeito, consideração, mas
nunca amor. (entra a sen)

Hidas

Pobre pupilmente. O sr. Arnaldo consi-
dera a mulher enquanto nova um objeto
de lazer; e depois de vê-la um objeto que
passou de moda, e, por tanto, que se atira
para ^{o lado,} ~~um canto,~~ até apodrecer, (como ~~estragão~~)
até acabar os restos da vida. ~~(como se).~~

Arnaldo

Não é assim. Se menina não ^{seu} se compre-
hender. ~~Um.~~ Eu me explico melhor. Se mu-
lher, enquanto nova, é como uma flor vir-
sa, linda, cujas pétalas despertam a atten-
ção tanto da criança que mal sabe balbu-
ciar, como do homem já ^{consumido} pela e-
dade. Aquella, pela innocencia, e este para
remezer. Se a flor estiver seca, pode, moço
ou velho, passar mil vezes por ella que nem
um olhar de consuação lhe lança. ~~(como~~
~~dando de tom)~~ E tudo isto é natural. ~~(como~~
as coisas são o que são e não o que devem ser.

Hidas

Ah! sr. Arnaldo, como se organa, e como
magoa o coração da mulher. Diz que a mu-
lher enquanto nova inspira amor porque
tem encantos e graças, depois de vê-la só
pode inspirar respeito e consideração. O velho,
~~em vez~~ como criança, não tem coração, por-
que se o tivesse não julgará assim. Córção não
cehbise edades nem as rugas da velhice, Amã,
quando ama, e não se ocupa coisa que não
seja esse sentimento. O que se ^{se chama}
amor não é serão devancio, appetite o gosto

passagiero.

Arnaldo

Este seu falar, parece que ama algum octogenario!...
 Se assim e, hem, he o mais sincero parabens, mas me
 he gale e gosto. (levantando-se.) Vem octogenario que
 he a todo o seu tempo a passar as centas d'um so-
 zario, para que Deus se compadeça da sua alma
 e lhe ponde as bençoes ^{que} quando for a paz. (sente)
 Que se interessante esse namor. Conquanto a namora
 Thia, como esse seus olhos que parecem duas estellas,
 he fala d'ama, da paizão intensissima que sen-
 te por elle, ^{o homem,} he ^o que seu lado, com duas lagrimas
 nos olhos, e se a confesso, batendo no peito, e de ju-
 ro de muita d'ingenuidade quasi sem se curar: "ja deo
 que deira dar, agora eu e eu me e infeno me capu-
 ra." (rs)

Thia

Engana-se, Arnaldo, não disse amor por possessão al-
 guema. E Deus quiza que nunca e sinta. Porque se
 um dia eu chegar a ter amice a algum, a vida para
 mim tornaria he mais fuzada e incommoda,
 quasi me amira e eu sentonaria a viver. (foca
 pensativa)

Arnaldo

Mas o que e isso, successiva, que pensamentos são
 esse? Esta heja assim triste... e o que eu digo
 como esse pensar e um trabalho aturado, que se
 malha não tinda muito.

Thia

A belleza, para mim, não tem successimento,
 alem de que não seu nome nunca fui bonita,
 por tanto e coisa que não me incomoda e tor-
 nar-me velha antes do tempo. O meu namor
 e o trabalho. E para elle que vivo e e d'elle que vivo

Hernando

(aproximando-se) Diga-me, Ilda, mas diga-me com franqueza; não sente por pessoa alguma sua doce afeição, sua simpatia, affecto, amizade mais me?... Não sente com hum-estar, uma certa fôrça interna, quando tem ao pé de si essa pessoa?

Ilda

(maliciosa) Julgo adivinhar a sua intenção, Hernando... (seccã) pois vou-lhe ser franca: sinto imenso prazer quando falo com essa pessoa; sinto até mesmo uma afeição interna, (com veracidade) e uma vontade irresistível de me lançar nos seus braços e dizer-lhe tudo, tudo o que sinto aqui... (apertando a pausa e o coração)

Hernando

(aparte) Meu Deus!

Escola de Teatro e Cinema

Ilda

Quinto-lhe digo mais, se Hernando desejaria estar sempre ao seu lado para chorar junto de lla, tornando-me assim mais suave a vida. (fôrça triste)

Hernando

(aparte) Meu Deus!... Meu Deus!... (alto) Mas diga-me Ilda; essa pessoa por quem a menina mais tem tanta afeição, não lhe inspira amor?

Ilda

Não. Do affecto ao amor há uma distancia muito grande. E como lhe disse ha pouco, se eu chegar um dia a ter amor a alguém, é igualmente me to n'esse dia, que a vida para mim tor-

usar-se-ha triste como a melancolia, pesada
como o chumbo.

Hernaldo

Não a comprehendo, Tilda! Não se tem affetto, não
se sente um prazer tão grande por uma pessoa, não
se deseja estar sempre ao lado d'ella... quando não
há de amôr.

Tilda

Julga isto?

Hernaldo

Julgo. E julgo mais; julgo que a memoria não me
falou com a franqueza que disse, e... que ama al-
guem.

Tilda

Como se ouyana, Hernaldo. Apegas de mais a memô-
ria e de esquecer, comprehendo, na melhor das occasiões.

A amizade pode existir perfeitamente sem o amôr.

Toda ha vez affetto, sentir-se um prazer immenso
em se estar com a pessoa de quem se gosta e com
tudo^{isso} tanto entôgias d'amôr. Não se estima um in-
môr? Não^{se} quer ~~que~~ ^{uma} pessoa que foi mes-
sa comprehensiva da infancia? (triste e tremula).

Não se deve sentir um prazer infavel estar se
junto de nossas paes? E, no entanto, não existe o
amôr de que falo.

Hernaldo

Seja como for; o que digo e o que assero, é que
a memoria ama alguém. Não se deve admittê-
por forma alguma que uma mulher se deoy-
lançar nos braços d'um homem, dizer-lhe ter
de o que sente, sem que lhe tenha amôr. Esse
amôr Tilda já deve ter raizes, assim o creio.

Tilda

8
Arrendando-se) Quer obrigas-me a ser mais explicita?

Arnaldo

Não. Tu é que desajava, era sobre quem é o ^{olho} ~~olho~~ a quem a miséria tanto que e tanto ama.

Ida

Não insista. Não amo ninguém. Não a penas e trabalho. (Apontando para a lojaria) É elle que me faz esquecer uma grande parte do que soffro. É elle que consagro todas as minhas segredos e tentas as misérias de tencões. Oh! quantas lagrimas de piedadida desce eu que ver, encodam e papet badi copia musica ou comprou alguma peça. Quantas vezes febilmente eu bife as fuintas musicas e choro, choro convulsivamente como se o meu corpo fosse atacado por dois berrisio; e si este choro adue consolazão e levitico para esta minha alma tão amargurada e para este pobre coração que nunca conta ou familia. (Tempo festivo, me, te os olhos)

Escola Superior de Teatro e Cinema

Arnaldo

(pregando-me nas mãos) Nunca me havia falado assim... confesso que me enterneco. Julgas se infeliz, mas é verdade? Pois eu serii para a menina um amigo devotado que ha-de gastar quasi todo o seu tempo em vir se lhe stou essas lagrimas e se consegue fazer desapparecer esses juramentos que tanto a mortificam.

Ida

(estendendo-me a mão) Obrigada, sr. Arnaldo pelo interesse que tomas por mim, mas perde o seu tempo; porque a minha doença é incuravel e fu se lha, desinvolucio-se como o meu nascimento e ha-de morrer quasi do eu morrer, e que não sera tarde.

Ronaldito

Já?! É ainda cedo para morrer, ^{Ida}Ida; as suas 23 primaveras não podem fancear-se desabrochar. É necessário viver mais e bem mais. É necessário que se inventa-se a para ter sempre a sua lado essa pessoa a quem tanto quer e que tanto se obstina em ^{me}dizer o seu nome. Vira, ^{Ida}Ida, ^{Ida}Ida, não, porque há de ser feliz.

Ida

Feliz?! Oh!... daria tudo, tudo; sacrificava-me-hia, preferiria entalar-se-me no um concerto, só por ter a felicidade; isto é, para que a maldição que cae sobre mim desapareça.

Ronaldito

Maldição?! Infeliz?! Não compreendo nada. A memória infeliz, quando o seu nome é lançado, quando a sua pessoa é tocada como artista em música; infeliz, quando a sua arte é visitada pelos mais distintos músicos e pelas que adoram a música; a memória infeliz, quando a sua inspiração é divina e a sua execução admirável; chama-se infeliz, quando se a memória têm o dom de extasiar, avelutar quem têm a felicidade de ouvir tocar piano. Chama-se infeliz, quando arrastá atrás de si milhares de adoradores, a quem a memória em recompensa lança por misericórdia um olhar, ou um sorriso que os desnoção.

Ida

(Cindo sentar-se ~~na cadeira~~ a (C.) Sim, infeliz Ronaldito; e não retiro a phrase. Eu não acho felicidade em a mim. Não se vê cercada de adoradores que a todo o instante lhe declaram amor, amor que nunca sentarem, amor que eu reputo como um insulto. A felicidade não existe nas glórias que um artista possa alcançar. A felicidade só existe quando a consciencia está tranqüilla, quando essa pessoa tem um nome que a não deshonre, que a não

lana para sem outro, abste no convento da igreja mi
nia. (Chora)

Arnaldo

Chora ?!

Mda

Choro, sim; e deixo-me chorar Arnaldo; deixo-me cha
rar, porque assim soffro menos e pouco me que não
sou tão infeliz nem tão hedionda aos olhos do mundo.

Arnaldo

(collocando-lhe a mão no hombro) Pôe choro, Mda; cha
ra e fogue de vms a sua dor... como e seu segredo. Eu de
tarei logo. He deus, meu que viras a sua dor. He deus.
(aperta-lhe a mão e sai pelo F)

Acto II

Mda, depois Arnaldo

Mda (depois de ter acompanhado Arnaldo até ao F)

Escola Superior de Teatro e Cinema

Mda Deus! porque havia de eu morrer?! Porque então mor
ri logo, apenas soltei o primeiro grito?! Porque não me
mataram a vida, quando dei signal d'ella?! He assim,
mataram-me a alma, tornaram-me infeliz e tão desgra
cada que nem posso alimentas esperanças de melhores
dias. (vai á mesa do jantar e saca de uma pasteira e sobre
e rosta com o lenço, chora) Melhores dias... ilusão; triste
plantasia de quem soffre... amarga esperança de quem
se vê abandonada! (fiza chorando, cobrindo o rosto)

Acto III

Arnaldo

(Arnaldo entra de repente e pergunta se quasi mo foi)

de Maria

Geraldo (do F. vem pe' ante pe' junto d'ella)
O Sr. Henrique de Mattos procura a.

Mãe

Que está... (sua vida falsa de Geraldo) Mãe. Diga-me que sabe
e que me demore algum tempo. (Geraldo-luc) Será bom se
vê-lhe-me at meu quarto (sac DB)

Scena III

Geraldo depois Henrique

(Geraldo a passando ao P. confidenciais)

Geraldo

Instituto Politécnico de Lisboa

Mãe Maria! (não sendo vingadora com deusa) Ah! me
Mãe. (puxando o reposteiro para em dos lados)

Henrique

Contando e contando se no lado esquerdo da mesa de contos
Conto a sr. D. Não demora-se? Não importa espere.
Tenha tanto que não falar (acusa com charuto) Não prope-
ste sabe se ella já compiz o prebido que ha dias lhe pedi?

Geraldo

Eu não sei nada d'isso. O que lhe posso dizer é que a
mãe Maria passa todo o tempo a escrever musica.
Trabalha dia e noite e nunca se cansa.

Henrique

Já ha muito tempo que está com casa da sr. D. Maria?

Geraldo

Essa é boa. Quasi que a vê nascer. E quero lhe tanto
como se fora minha filha. E minha mãe ella e está

assim tão estimada e ter tão grande reputação como
artistas distintos. Também é o meu esboço. E tenho en-
gulto sr. Henrique em ter feito bem a esta menina
que é um anjo.

Henrique

O Sr. ter feito bem a sr.^a D. Silda?! O sr. que
está debruço da proteção d'ella que não terá dez reis
para mandar cantar um copo, ... ter feito bem a sr.^a
D. Silda cuja educação é admirada e cujo talento é pro-
digioso. (r.)

Jeraldo

Poi, pois ria sr. Henrique, ria que seria para mim
mais orgulho e não acreditar no que lhe digo.

Henrique

Esta srta Jeraldo, sabe lá o que diz! A sr.^a D. S.
da foi educada num collegio onde a mensalidade
é cara e que o sr. por fortuna alguma podia pagar.

Jeraldo

Escondido que foi educado num collegio, heura em se-
fi; e elle que não ficou devedor a esse collegio,
porque eu era pontual na mensalidade. Ser isso tin-
balhava dia e noite. Umaz vezes carregando com peso
das malas de viajantes; outras ~~vezes~~ estando de sergio,
nos theatros onde ganhava boa maguiaz (indicando dinheiro
r.) outras ainda atendendo a custodiar pelas ruas de Piolão,
onde me não dava mal algum negocio, e trabalhava
sempre, e coominciava sempre para que em tempo
competente a minha Silda tivesse pagu a mensalidade.
(com alogria) Pella aquelle anjo do céu, comprehendia-
me, via os sacrificios que fazia e estudava, estudava mi-
to pagando d'assim todas as minhas canceiras e todos
os meus cuidados.

Henrique

Mas então a sr.^a D. Hda não tem sobrinha, não é vero?!

Feraldo:

Essa Henrique. É mais rica do que pensa e mais nobre do que julga. É rica de sentimentos, tem um coração que é um Thesouro e uma alma immaculada que é sem peccado. minhha mais nobre que pode ter.

Henrique

Mas conta-me estas coisas como tive conhecimento com a sr.^a D. Hda?

Feraldo

(contando-se a historia) Fuma historia muito comprida e muito tocante. Eu thá conto. Um dia, uma vez, uma noite da noite. Vagueava eu pelas ruas de Lisbon sem destino, sem norte. O frio certava e a chuva caia sem ruído como um pedrinho de neve. Eu andava triste e amargurado com a morte de minha mulher que era tambem um anjo. Passava mal a noite, não dormia, a cada passo via a imagem d'ella. E esta visão que me atormentava continuamente, tornou-se violenta doenga grave. Quando me via perseguido em demasido pelas plantas mas que a minha imaginação cercava, saia de casa. Ia dar bargas a minha dor e socego o meu espirito. Quando diante corria as ruas da capital, vi-me rodeado um vulto de mulher que parecia evitar a minha presença. Seguida. Essa mulher apressou o passo e tornou a desceção da rua do Outeiro. Chegada ali, olhou para traz e tornou-me a ver. Acelerou então mais o passo e depois de ter caminhado em diversos sentidos pelas differentes ruas da baizarte, mossu pela rua Augusta e eu seguindo-a sempre com muita precauções. Quando já não desconfiava ser perseguida, amanhava mais de vagar, com passos incertos, quasi cambaleando. Chegou no Terreiro do Paço. Parou subitamente e julgando-se so, D'ella vimmei que parecia sair

d'uma sepultura. Torno a esmiuçar para a frente
 com passos lentos. Eu seguindo-a sempre sob as arcadas.
 Torno a parar. Saço-lhe as madeiras do cabello que lhe
 caiu em desalando pelas espaldas. Era um verdadairo phan-
 tasma que se erguia da arampa. Percebi que fosse elle
 não da minha parte, julguei ser mais com pilantras,
 mas da minha integridade. Mas não, era a realidade,
 porque passado um instante, rompeu-se a minha carreira re-
 tiginosa e atirou-se ao rio. Eu corre e largo-me também
 na agua; consigo salvar-a. Trago-a para terra e tomou-
 lo-a ao colo, lev-a intacta, sem sentidos para minha
 casa que era perto. Metto-a na cama, abafa-a depois
 de lhe ter estado uma forte febre. Passados uns minutos
 uma febre intensissima parece querer abrogar-me a
 frente. Estive aberta o resto da noite. A febre augmen-
 tava-me cada vez mais e eu com receio que me morre-
 se. Mas felizmente não foi assim. Pelo meio abia a fe-
 bre diminuiu consideravelmente. Pouco a pouco recupe-
 rou os sentidos, abriu os olhos ainda enfraquecidos e disse
 muito devagarinho: He abandonada! He abandonada!...
 Depois chorou, chorou muito e recendeu-se ao costado. Ora
 aqui tem toda a historia. (Chora em silencio)

Henrique

Lembro d'uma historia tocante a d'essa pobre mulher.
 Mas afinal não me disse como traxo conhecimento
 com a Sr.^a D. Thá.

Joaquão

E' bem pouco para se dizer Sr. Henrique, pois não admirava
 em elle, era a minha pobre menina que tinha uns
 annos. Era aquelle amig. que sabia e que eu protegi
 sempre d'ontão para cá. He' como ella me quise
 e como eu lhe quero. Cassim dire-se porque
 se não fosse ella eu já teria morrido com sauda-
 das da minha desafortunada mulher; e se não fo-

se eu tambem a sr^a D. Hla tinha passado d'ello para a minha
course-se tocar uma campainha, Geraldo vai em quem e' affe
segundo pouco depois ao F. dando entrada a Ezequiel, mas

Scene V

Henrique e Ezequiel

Ezequiel

(Entrando Henrique e dirigindo-se a elle para abraçar
Henrique vai-lhe ao encontro abraçam-se) O meu velho
amigo! Tanto tempo sem nos vermos e agora por um
feliz acaso encontras-te aqui! Como estao todos os teus?

Henrique

Bem, felicismente.

Ezequiel

Não te fazes velho a pensar nos teus 55 annos. Ainda
estas o mesmo galanteador e conquistador d'outros tem-
pos? (Entrando se um de cada lado da mesa de centro)

Henrique

Já sou estardo velho e acabado, mas ainda assim não
deixei os meus creditos em mãos alheias.

Ezequiel

(E fazes bem capote) Estudemos o veramente. (alto) Con-
tas-te ainda saltar não e' verdade? E mesmo porque os con-
creta e cinco já não seduzem...

Henrique

Como te enparas meu velho, elle que apenas da minha
idade ainda faço as minhas conquistas bem boas
Não ha muito tempo que como Linda morena d'ellas

arros e penetrantes se embuçou por mim.

Ezequiel

(com indignação) Verdade, lembra-te ainda da tua amanta Hermíngarda da Silveira? Eu fellas que heuras te d'esses amores que i' fizes d'ella? (Henrique fez um gesto de contrariedade quasi imperceptivel)

Henrique

Julgo que tudo isso desapareceu. Com o primeiro fello morreu; o segundo se vive não me incomoda, nem o terceiro. A mãe... (extremando e falando a parte) morreu me dirá si' hez uma incisão que se existe nem ella me combeu nem eu a combeu.

Ezequiel

Estás como peixe d'agua, completamente livre de fello e de amante.

Henrique

Ter d'amantes é como quem diz... uma horra em d'embuando não pode passar sem amante. Actualmente certo sei, sei o parizos ferrosos que me en deidcom d'amor.

Ezequiel

(aparte) Patife (alto) Homem, isso é lá amor, isso é um passou tempo l... pedir massal indicando d'incisão)

Henrique

Mas afinal o que tens cá fazer si' capital e principalmente a esta casa?

Ezequiel

Eu te digo. Tenho uma filha que me estremece e a quem eu quero do fundo da minha alma. Essa filha é já uma sr^a e tem o capital, o táio capi-

chentes de mulherão de querer ir para a capital unica e
exclusivamente para estudar musica. E aqui tens como
me vejo obrigado a deixar a provincia por algum tem-
po. E aqui que mora uma parenta muito afastada de
minha mulher e dizem-me que equinica em musicoas,
verbo pois procura-la para ser professora da minha
Dulcinda.

Henrique

Sim, sim tudo isso está muito bem, mas o peior é que
a D. Hda não deixa ninguém. Com pto e copio me
sua, e não lhe chega o tempo para mais. Isto é a ver-
dade porque tambem eu quiz que ella se licenciasse e
mas sobrieta e nada conseguiu. A D. Hda é uma sit
que já tem a sua reputação e a sua gloria. Não preci-
sa das licenças para viver - Não quero dizer com isto
que lhe não fale no assumpto, mas porhe-lhe de-
das no bom exito da tua empresa.

Prequiel

E danosar, se ha ainda muito a D. Hda?

Henrique

Criso que sim, mas se te cerraes a esperar e pover, no caso
contrario... de alguma coisa tens a fazer... me, e eu lhe
darei que estivate ai para ella se incumbir da licenciação
de tua filha. Da-te-hi depois a resposta.

Prequiel

Pelo que vejo és intimo d'essa ex^{ta}, e talvez sua visita de
aqui.

Henrique

Não te enganas sou visita da casa e um dos seus mais
es admiradores. Como sabes sou rico e apaiorado de pe-
la musica. Não tenho por assim dizer a quem dei-
çar a minha fortuna. Isto por isso sommas enco

mas em dar banquetes aos meus amigos; em distribuir algumas migalhas do meu dinheiro. (Acordando-se) ah pobrezinho amante, e sem obter alguns tochos de musica, compostos por esse grande artista que se chama Silda.

(com fogo) É uma oportunidade escatosa, escatosa ainda, pois conta 23 annos, mas chora de gozo e dizem talento tão prodigioso, que não deverias ser apenas, que essa era a tua epocha de um século.

Inquiet

Talvez com uma tal emphase de D. Silda que elle mais parece o teu idolo do que uma artista apenas, (Acordando-se)

Henrique

(com fogo) Se conhecesse essa mulher, e conhecesse com ella, se a ouvisses cantar ou tocas algum tocho de musica, de certo que não lhe chamarias artista apenas, chamarias-lhe uma genio ou uma duza.

Inquiet

O que me parece é que estás apaixonado por essa cantora. Diz a verdade e veris que acceto.

Henrique

(Acordando-se) Verdade amora como se ama, ^{amora} como se ama uma pessoa de familia. Já cheguei a ter medo d'este meu amigo e quiz annunciar a vir a casa, mas tomando coragem e como de tudo se queira, temhou respeito como se fosse minha filha.

Inquiet

Pois sim, mas tanta vez vai e não se lembra até que te pira. De mais a mais te acostumado a vir a casa meio de depravação, com que as mulheres se conquistam com a maior facilidade e andando sempre na

presente o caso que tente as embriaguas...

Henrique

Não meado isso, mas se assim fosse não teria de me ar-
repender, porque quasi todas ou todas as mulheres do tabo-
te têm os seus amantes (verendo so) E não seria por estas
a D. Ilda quem abraça a excepção.

Prisquil

(aparte) Ser de mal e (alto) E quem te disse que ellas não
têm já algum debruce de virtude? Por sei lá, estas mulhe-
ras que andam na grande moda, dando trelas a todas e
sendo lisonjeadas por muitos... não são tão difficil.

Henrique

Hei-me! Não me faças. Ilda tem sido bem reguarda por
mim. E se algum dia despertasse o amor, ella já teria
dado o seu d. desi, porque o amor é inquieto e subjugante
como uma criança. Um certo pintor visita também
da casa do nome Hernando, e que já me deu nas vistas
pela sua insistencia continua. Thace que é a combada
Ilda, quasi sempre finta e concorre com a siis como se
fossem namoradas (com segulha) Mas por este lado está
descorregado porque não é ainda com terna, terna que me
tera a mulher... e converte em terna de Ildio na algarvia
e não tembo muito que me roube a pressa.

Prisquil

Pois ora, tu és insensivelmente! Ha pouco dizias res-
pectar muito D. Ilda, que a estimas como filha:
agora já pensas em fazer d'ella tua amante. És valen-
tel bastante. Apertos sem facilidade de opinião, como
mudas de currisa.

Henrique

Não é tanto assim, não sou tão inconsistente como

te parece, mas quando vejo que cotto anda na piedad, como
o meu logar e não se de a palma.

Priguit

O muito natural que e amor d'esse tal pintor se ja
sincero e queira fazer de Tilda sua esposa, (fazendo mais
te Henriquez ao passo que tu só a embalsamais e a lingua
rãis ao desposo quando te vintas alarce deo d'ella.
Nota que não te julge por mim mas sei qual e a
conducta de todos os homens que vivem no grande con-
to. He hamas para elles e'po' logo nada.

Henriquez

(com pouca melindrade) Priguit, peço-te que e que
estás dizendo e' um insulto que me dozes e como tal
deveria de no se lencio (com despres) E' uma gressaria
provinciana que me creta a deculpas apachandose e um
pecco)

Priguit

Chama gressaria provinciana a uma cidade amarga;
chama gressaria provinciana a um respecto e consideras
mais a honra da mulher (suprehendendo e) Quando tu
pouco te disse que fazias bem em continuarem a ser
e mesmo conquistados e mesmo seductos, foi para te
experimentar, foi para saber de ainda era e mesmo
miseravel d'ente ora, (com forza) e mesmo creminense.
Tilda me, ella, para mim, encara me frente a frente
de arroj. Hei como empalideces e como tremes. Não
sabes que sou senhor do teu segredo, e que com uma
palavra, com uma só declaração te posso convolver
por n'uma cadeia e mandar te depois de presente
para a Africa? Lembra-te d'essa pobre amante
Henriquez a quem tu evidentemente se'po' que
ella te tenha amor (com fogo) Essa mulher foi
tão sublime nas negociaes da morte, que e' chous

dize: puto-o-the, puto-o-the porque o amo. Fimbas-te?
 Estava tu só quarto, estava eu a uma fithinha havia
 poucos dias de nascida. E tu tão miseravel, tão criminosa
 que sem uma lagrima verteste, sem um olhar que
 consolasse a pobre amante! E que fizas-te de tua filha
 que é tua filha? (afirmativa) Abandonaste-a, lanças-
 te-a ao abandono. Pobre criança! Eu que fui tua mãe
 de que não te comigalhei n'esse instante; fui tão pouco
 que não demostrei; porque não era tua mãe, mas eu não.
 Oh! como eu me envergonho de ter sido teu amigo; como
 eu me arrependo de ter estendido a minha mão. Pois co-
 mo ainda és o mesmo criminoso, e o mesmo seductor,
 serás teu inimigo para sempre. E meteste que essa pe-
 bre Silda te cedia nos braços infames. (com arrogancia)
 Sembra-me que não fizes espertando este facto inimaginavel
 erro. (vai precipitadamente)

Henrique

Esta esta fala Henrique accorria as othas ao chão, passando
 com as mãos pela cabeça como para afugentar idias ruins,
 amagoa-se de ver virte por Enriquell. (Morta de constancia)

Acto VI

Henrique só

Henrique

Desta parte da minha fortuna só para fazer desappa-
 recer este homem! (dirigendo-se para a porta) Fimmas-
 tes para sempre dizes-te, não bem serás teu inimigo,
 mas inimigo necessário, inimigo que não te perdona
 a mais leve offensa! Felizes Silda, que se associastes
 não?! Como te estodes, tens as garras bem adunadas pa-
 ra que deves occupar a presa. Insultas-te me, avras-te
 me recordações que eu desfaria ficarem no esquecimento

to!... Triste-me o coração, mataste-me, mas eu tambem te
 hei de matar! (tragico) Matar? Matar?! E Maria Helena
 guarda... ah!... não... (removendo) deixa-me... não fui eu...
 cozes?... tanto sangue... sangarça?!... matas-me... (eu) ah!
 ah! ah! Fugir... deixa-me fugir... arrebatas Thida?!...
 (avançando) nunca... para traz miseravel... (caindo
 sem forças na cadeira do lado B da mesa e proferindo
 a ultima phrase muito devagar) para traz (começa a
 se em silencio algumas segundas, depois a pouco a pou-
 co deixa sair um som como que despertando) Tanto
 golpe que peso enorme me opprime, que confusão
 me acobre... parece um sonho... (começa a fixar a vista em
 alguma coisa e thas muito rapido) Mas que é isto?!...
 onde estou?! e que succedeu?! (empregando um grande
 esforço para se recordar) Ah! um ricordo me (levan-
 tando-se) Esqueci-me insultar-me... Esqueci-me acu-
 sar-me Thida! Mas não. Estarei ilustre, e opprimido
 minha ali que me em fadiga; depois... (dirigindo-se pa-
 ra a porta) depois de fugazido... depois de... ta. (com
 grande indecencia se a D. da mesa)

Escola Superior de Teatro e Cinema

Acto VII

Henrique e Thida

Thida

(dirigindo-se a Henrique e cumprimentando-o) Deve
 estar já farto de esperar, não é assim? Henrique?
 Peça-me desculpa. A culpa é de Jesus lito de não me
 ter avisado que o sr. vinha cá hoje; não teria sido
 novamente lhe peço desculpa.

Henrique

O minha sr.^a Eu não tem a pedir-me desculpa
 alguma. E se dentro nós ha quem tenha a peni-

tenesse de sair ou porque como de costume em volta a este
na a vontade como se a casa fosse minha.

Alta

(sorrindo-se) Henrique que se gosta de franquias.

Henrique

Vem hoje cá minha e exclusivamente para saber se
V. Ex.^a já tinha composto o prelado. Não pode calhar
há a diferença que me tem feito não estar compo-
to no tempo apurado.

Alta

Uma falta que espero me desculpar, além de que
não sei se já não se suspendeu da licença que vos
compartilha tive.

Henrique

Deo ser entre uma obra prima, com todas as que
são das obras de V. Ex.^a O gênio e o talento não lhe
faltam... e a ausência d'uma vontade de fazer e d'um
trabalho incessante... V. Ex.^a há de se muito longe!

Alta

(sorrindo-se) O Sr. Henrique está hoje muito bison-
goso... não me envergo porque eu o que calhar.

Henrique

Também sei o que V. Ex.^a vale, e o que V. Ex.^a me
recu, (como se devesse paupar) Vale rios d'ouro, e merece um
rezação que a não apaiçoadamente. Um coração nobre que
se comprehenda e que a adora. Diga-me D. Alta, V. Ex.
já amou alguma vez? Alta

Alta

(sorrindo-se) Não.

Henrique

Feliz! É muito feliz porque não sabe quando se sofre quando se ama. (intercede) Camar é o maior mestre em te amar e é mais elivado de terlas, quando é o cois perdido, mas é um que lentamente vai destruindo a vida, quando se ama em segredo ou se não tem, em se comprometer equ al affecto.

Helena

Meu Deus! Dizis se il um modo que parece muito uma a deliciação! Por se ha e o que que estaja apaixonado.

Henrique

É porque não amabas se? Não sou homem, não tenho um coração que pulsa como os outros?! Não tens eu direito ao amor?! Por que ha rebeldia contra os seus grandes manifestos que de vida?! porque o amor é amor Helena e todos temos direito a vida, mas eu acho todos podem amar.

Helena

(estremada) Todos podem amar e o direito, mas todos podem ser prudentes e cortezes. Na sua idade sou Henrique, e amor é já prudencia e cortezia.

Henrique

Prudencia no amor nunca se impossivel... cortezia tambem impossivel. Camar não sempre dictou as suas conveniencias, é um direito que não ha para que é submisso.

Helena

V. Ex. está hoje muito romântico e muito amavel. Deste agua na fogueira de Henrique porque pede qui mar se e morro carbonizado... d' amor (seu se).

Henrique

Como V. Ex. é cruel e má! Quando esperava de V. Ex. palavras, não digo amavel, mas as mesmas palavras,

V. Ex^{ta} abra-me a' face phrases sa demora que me magoam
ta seriamente.

Thda

Se alguma coisa existe de boa em mim, é não ser escanor
em Henrique. Sou franca de mais para lhe dizer o que me
lhe entender. Não preciso recorrer a phrases que exprimam
o contrario do que sinto.

Henrique

(capote). O que lhe diz? (alto) Pois bem Thda, é pouco não
verdade? Pois eu sou tambem ser franco. Gostaria que
de nos concentrasse pela primeira vez? Foi no theatro de
D. Maria. Representava-se um drama de tres actos
O protagonista da peça era uma fidalga que se era por
quida por um camponez que lhe tinha muito amor. Prou
de se? V. Ex^{ta} chegou a sensibilisar-se pelo pobre camponez
que morria de amoros pela fidalga. Ella não me que de
que a mandal e prender, se porque era camponez e não si
ria a lá grande. Tambem se deve recordar de que V. Ex^{ta}
me disse de uma occasião a Pur e quando não devia ser ali
sim, mister que de nobresa se a multude, que um amor
sincero require outro amor tambem sincero, disse V. Ex^{ta}
São palavras suas Thda. Pois bem! que se se eu vejo e por de
de se) eu amo a Thda, e este amor é sincero e verdadeiro.

Thda

(levantando-se e estapeando) Meu Deus o que está dizendo!!

Henrique

(com fuzga) A verdade. Tenho soffrido com silencio e com que
V. Ex^{ta} d'ave por tal; está paixão tão insana que me desce
me e me devora, há muito que a alimento me peite. E
V. Ex^{ta} não ha de ser tão inqueravel para comigo, como
a fidalga foi para o pobre camponez. (avançando para Th
da um passo) Amo a Thda, e este amor é firme e constante

e sincera

Hilda

(com fúria) Calte-se sr. Henrique!... ou não me obryne
a empregar meios que lhe sejam e que seriam degra-
datis (apontando se porta da rua). Vg^o tem a idade suffi-
ciente para pensar n'ellas e medir as ellas as p'boas que
me tem dirigido. Vg^o quer inculcar-se por um ap'ro-
p'riado, quando não é senão um fingido e um suppo-
zido. Assim... e talvez assim que o sr. illud, as suas
amoras (dando um passo para Henrique) Porque não
me offerece dinheiro? talaz eu me torne miseravel
e acoute a sua amor. Que torna-me sua amante? Que
manchar o que eu tenho de netho, a honra? Que envol-
ver-me n'uma redilha e ativar-me para um fozco caso
coisa que não presta, sem valor? Este é um costume de Hen-
rique. São estas as glorias das grandes sequitadores de...
m'horas (com fúria) É me prohibido amar, mas se teresse
esse privilegio (com despreso) não deixo e eu quem me des-
pertaria esse sentimento.

Henrique

(Durante esta fala Henrique mostra uma muita acorrida
da fozendo por vezes gutis significativas) Tem sido instantes
el Hilda, mas que lhe que ha de me ensinar coisa e que
custar (com despreso) ainda que eu tenha de me tornar miser-
avel (querendo aparrar-a) Mas de ser minha disse.

Hilda

(fingido de Henrique dá uma volta a' secco, sendo aparrado
depois pronto ao sofa beds com Henrique) Socorro! socorro!
quem me acode!...

Henrique

Henr. de ser minha, se minha.

Hilda

Socorro! socorro! quem me acode!...

25
Sena VIII
Os mesmos e Arnaldo

AGENCIA INSTANTIVA DO PESSOAL DOS
CAMINHOS DE
FERRO DO LESTE E NORTE
SEDE
ANTIGO THEATRO TABORDA
COSTA DO CASTELO 75
LISBOA

Arnaldo

(vendo a sena e apontando para a sena) Eu!...

Ida

(descubra quando se de Henrique e indo vai aos braços de Arnaldo ao meio da sena) Arnaldo! se Arnaldo!... aquelle homem... (apontando Henrique) tem a meda d'elle... quem me far me... que se abar me...

Arnaldo

(desconcertado) Montalva! Montalva! (desconcertado de Henrique) se Henrique que quando uma mulher pretiga pretiga quando aos braços d'uma homem, este homem tem o dever de se defender e elle sendo Ida um pouco atroz de se) Diga o que pretendo?

Henrique

(desconcertado) Como d'isto mulher?!

Ida

Nunca!... o deo e!...

Arnaldo

Que? O deo e que mais que?

Henrique

(perplexo) Que amor. Eu hei de te o custo o que custar.

Arnaldo

Custe o que custar! (indo a elle apontando-lhe as gualtas obregas e a cair no sofa)

Ida

(assistida) Arnaldo! O que faz?!

Agnaldo

Das calças d'este tratado!

Mãe

(chamando) Agnaldo! sr. Agnaldo! quem acede!... (supergran-
do se por apertar a discórdia) quem acede! sr. Agnaldo e quem

Acto IX

Os autosmos e Agnaldo

Agnaldo

(entrando e muito a pressa) O que é isto, mãe! (acendo
a discórdia e se a tenta apertar) sr. Agnaldo! sr. Heu-
rique! Quem acede quem...

Agnaldo

(colérico) Diga-me Agnaldo... diga-me...

Henrique

(com dificuldade) Sr. com... sr. sr.

Agnaldo

(surgindo e dirigindo-se a Agnaldo) Penha este homem
na sua ou não sabe d'ell.

Mãe

Penha e Agnaldo, penha e na sua.

Agnaldo

Mas...

Mãe

Penha e na sua já disse.

Henrique

(contando-se) Não precisa... eu vou para Fernando
Ainda nos fazemos de encontros.

Fernando

Quando e onde quizer.

Henrique

(pega do chapéu e retira-se dizendo à parte) Mas sabes o
plano que eu tenho? (sus)

Scene X

Fernando, Hilda e Geraldo

Instituto Politécnico de Lisboa

Hilda

Estão todos comidos... (a Geraldo) Dá-me um copo
d'agua? (Geraldo vai Hilda senta-se à mesa de costura)

Fernando

Essa passa, por apenas o ouviu, sorriue Hilda.

Hilda

Uma Fernando que infeliz sou... muito lhe agradeço o ter-
me defendido d'esse homem... estou preocupada... não sei
o que advinha... aquelle homem é capaz de tudo...

Fernando

Nada receio Hilda, comerei agora a ser o seu defensor e vir
o hei até ao morte! Geraldo entra de novo na agua Hilda bebe.
(sus)

Hilda

Obrigada muito obrigada. E se não se. que eu confio a no
meu bom amigo Geraldo. Não sei porque é assim pelo me.
Fernando uma affeição externa... uma affeição de imitar
seja sempre meu amigo sim?

Hernando

Quisera eu mais de que ser amigo Théo; desajam os seus
 esposos. Manifestar-me o que sinto por si seria superfluo.
 Já me dáste tua comprehensão em ações necessárias. (com
 amargura) Mas infelizmente não sou eu a quem a me-
 nina dedica toda a sua amizade, toda a sua afeição!

Théo

Ah! Hernando que não se esqueça ainda o coração da my
 Théo! Se eu pudesse amar, a quem deveria amar não
 sei eu! Não é de se a quem tanto se confiante quasi todos
 os meus segredos? Não é de se quem me julgam as minhas
 tristezas, as minhas angustias? Não é de se quem vem
 com a vontade encarnice de me lançar nos seus braços, chamar
 Me irmão, e chorar, chorar muito para dar a mim estas
 sazes opprimidas pela dor, pela vergonha. Não é de se que
 me fala de alma e se entranha de minha dor? -
 Porra não Hernando se eu fosse digno de ser, daria-lhe
 o meu coração, a minha alma, a minha vida. (virando
 em desalento chorando) mas não... não pode ser... vou
 muito da grandeza do meu infelício.

Hernando

Théo esquece... conta-me todos os seus segredos, to-
 dos os seus segredos. Pois que não se confidisse ami-
 go. Conta-me tudo, talvez eu possa renovar a tua vida.

Théo

Minhas a minhas dor!... (com tristeza) impossível,
 se a morte é que pode libertar-me, se elle é que me
 livrará a terrível maldade que há no coração, na alma.
 É este o meu segredo meu Deus que me livrará da am-
 par mais cedo do que devia ser. É este segredo que
 me prohibe d'amar, Hernando. Eu desajam amal-

amante, amante mas não me agi sem razão, não da vontade
sua que o estimo que lhe tenho muito respeito, mas que
não o amo, que nunca lhe tenho amado, disse amae, que
uma coisa se agi a paizagem. Mas é só a ser. Hernaldo
que a senhora em arde e não prohebe.

Hernaldo

E porquê? O meu Deus sou eu também tão impelido que
não seja de gozo de possuir a senhora d'aquella que amo?

Ther

Porquê? Mysterio. Se Deus o sabe. (apontando com o dedo
para cima).

Hernaldo

É tão grande o seu segredo, que eu não posso saber?

Ther

Perceba. Me este segredo é tanto que a mim não se dá todo.

Hernaldo

Conte Ther, que eu não posso saber.

Ther

(depois d'uma pequena pausa) Posso eu fazer-lhe a
vontade, vou confiar-lhe este segredo, mas não me deteste
depois que me despiro, nem me acerte de palavras ásperas
e injurias; Hernaldo beante-a e conta-a ao coração

Hernaldo

Ther! então... já me disse que sou seu amigo, sempre sou
minha como se fosse seu irmão. Fama não é isso? (conta-lhe)

Ther

Conte-me. Vou dizer-lhe a historia dos meus primeiros
dias de nascença; uma vez já fallei muito

minha amiga, assim me a contou: Com muita timidez;
 e me percutiu de pala e a sermão a voz era abafada, ou
 seja muito baixa era rápido e com feição. Era uma noite
 de inverno; o vento soprava sigo e as histórias d'agua mi
 am com violência. Quando se e retirou de troço a
 onda momento a nuvem de uma tempestade era me.
 Quando pagu cruzar-me se e por volta a escuridão da
 noite sem nullo embogado. Quando se rápido, quando se
 nigo um embreille que timidamente escondia. Fize mil-
 to era um infante um mercenário. Fize logo era
 feito para uma casa no campo proximo do Fustão
 entre bolton e uma mulher de aspecto repulente e ma.
 Fella a minha, tremante e combativa no tempo, descebe e
 ut uma menina de poucos dias de nascida, que esquia os
 braços me, fofando e olhar me tido de um grão que pe-
 dente fustão a Duz. E era sempre se. Quando era
 eu de se era eu (doce) tinha sido abandonada por um
 os pais, que se fustão. Fize esta e mil tormentos e mi-
 seias. E me tinha que se a minha e mil tormentos e mi-
 seias que me saíram os olhos, Fize um dia quando era já pa-
 si mulher, eu tinha 14 annos, fugi de casa porque um velho não
 adoptava me que se me tinha. Fize, eu me tido e andei perdo-
 da um dia e um dia. Fize ter a Fustão. E fize um pe-
 grande e e sempre muito, mas andei sempre, e tido que se
 fize e e sempre muito, mas andei sempre, e tido que se
 as. Fize um dia quando da noite, e fize também e fize um
 te fize. Quando alguns minutos, uma mulher de ante me
 e fize me para sua casa. (doce) Fize me de se. (Uma
 gachado) Nessa casa havia muitas mulheres e muitos ho-
 mens que se sajavam e abuzavam muito (cobindo e me-
 to e chocando). Era uma casa de prostitutas. Fize me
 mil de de se e de se. Quando um d'esse ho-
 mens, quando a minha vinha para me beijar, uma
 fize imadida se apertou de mim e e tido o beijo. Os
 meus olhos pareciam que haviam de saltar dos seus or-

estas chamejantes chieira de celia, sempre por entre aquo tharua
 tãta de d'ouros, saio para a rua e circo, como se mi' bouna
 sem destino, desorientada. Uper pensamente si' tãda com
 mater me. Na minha ausencia, avist' um homem que
 me mettia medo; fujo d'elle e na minha fuga, fui do ar
 Tivise do Paga. Christe se gande o rei que pascia chama-
 me para o seu das suas andas, care, entã avist' me, mas
 morte, como que abarida e... pro pto, me me vras aquas.
 (chora) Por uma pequena pausa. Tu sabe por um bando he
 mon, por Geraldo, que e' o meu amigo, e a quem se dev
 tudo. E' elle quem encetou a minha fuga. E que
 tem o meu segredo. O Kernaldi. Agora me me despa
 meu me a elle. (Chorando) Tu ind' gna. Bem si' porque se
 abandonada... enquitada mas eu ind' tãto culpa.

Kernaldo

Desparas a eu?! Agora ainda a meu mais de que vras
 Tãta a mais sublim, mais grand'ca mais nobre a mais
 Hei. Desparas a! Kernaldo, por que tu tambem se enquit
 do, abandonado, me combes mais poe, me tãto panidã.
 E minha vida me embastura. Tãta, e minha compã
 ca no abandon. (Chorando) Tãta, e minha vida,
 socque... pode erguer a frente alta aante, mas se me
 genhe porque tãta me e' meu, por tãto a' sua idade; e se
 mine foi nasce.

Tãta

Meu irmão! (com crede contra tãta de uma carta minha
 bandija)

Creudo

Esta carta para a sr^a D. Tãta (sae)

Tãta

(le a carta) Com licença. Ex. Sua. Motivos importantes
 me levou a escrever-lhe esta carta. Projeta-se sem a pto
 praticando na pessoa de V. Ex^a, por uma breves inistã

mais assíduos. O Sr. Henrique de Apatos quer presentear
 a este o que custar. Tráze-me a para que esteja procurada. Exp.
 quiel.

Arnaldo

(exaltado) Pois que venha porque eu aqui o espero!

Elta

Meu Deus! Meu Deus o que será de mim?! Que
 homem perde-me... talvez me de d'elle... adriente uma
 grande desgraça... Henrique é um deusso capaz de tudo.

Arnaldo

Nada rece. Elta, esse homem é um deusso capaz de tudo.

Elta

Arnaldo tanto modo esse homem! Se eu pudesse sair
 d'esta casa amantia, trahi-me emi. (levantando-se) Vá
 Arnaldo, vá agora. Adriente, por sempre e Geraldo.
 Amantia talvez seja tarde. Não sei o que adriente...
 ante... não se devere, eu abando e Geraldo. (chamando)
 Geraldo! Geraldo! Talvez deperça. (a Geraldo que apparece)
 Não rece vá com o Sr. Arnaldo, arrandem uma
 casa, se já tem que arrandem per.

Arnaldo

Meas fica-se?...

Elta

Não fica-me acompanhada o Henrique, o marido.

Geraldo

Elle não está em casa, mas pouca se demorará. Foi
 fazer umas compras que elle não deve demorar muito
 tempo.

Elta

Ben. Não é arrandem tudo o mais breve possível.

(Arnaldo e Geraldo saem)

Scena XI

Helena

Que destino se dá o meu, meu Deus?! Estarei guarda-
da para maiores sofrimentos?! Abandonada, despreza-
da por meus pais!... inquietada! Ch! que orações de pa-
dra... mais fiéis do que o gelo e mais deshumanas do que
a tyrannia... Vim ao mundo para soffrer... e não ter
esperança... ninguém que console esta alma afflicta...
Não ter pai! Não ter mãe! (com desprazo) Infama!
Desprezar uma filha é como uma prostituição, é desmor-
tar o crime! (com fúria) Eu os amaldiço! É a maldição
d'uma filha que clora que soffre e que se vê abandonada!
Maldição! sem maldição! (arrependendo-se) Ch!
mãe, mãe... são meus pais... tenho o dever de os suplicar de
os amar... (com fúria) É a minha deputada a minha
honra! Sim eu os amaldiço! É a propria filha que
nos honra este momento que é o da justiça! (arrependido
de-se) Meu Deus! e que digo eu?! amaldiçoar meus
pais! ser eu a propria a considerar os, a matar - lhes a
alma, e socorrer! (caindo no sofá chorando) Perdidos!...
perdidos...

Scena XII

Helena e Henrique

(Henrique tem ouvido parte d'esta scena: ao Fim se escon-
deu embuçado; abrupu desabado caindo sobre os olhos; ou-
vem-se dez horas depois de ouvir a ultima badalada: apor-
to)

Henrique

Dez horas... Chora, e uma Magdalena arrependida.

Se ninguém te poderia valer! Nem o imperio nem o
 sou. (Desce p^o ante-p^o e esboça-se p^o detrás de roça
 chama Ilda em voz curiosa) Ilda! (passando a seguir
 e seguindo a chamar) Ilda!

Ilda

(como que despertando d'um paradelo) Quem chama...
 quem é?...?

Henrique

Qu!

Ilda

Mas não vejo! (Avanta-se e dirige-se para D) onde está?

Henrique

Aqui.

Ilda

(voltando-se) Quem está ali? (assistendo-se) quem está
 ali!?

Henrique

(descobrendo-se) Henrique... o teu amante... o teu suc-
 ductor.

Ilda

Sai se! saia! ou grita para que o prendam; saia.

Henrique

Pode gritar Ilda, porque ninguém lhe ouvirá! A ca-
 sa está aberta, e eu tômo as minhas precauções. (avan-
 çando para Ilda) Mas, de ser minha ceste o que estás,
 disse eu. É agora que não me escapas! (vai para agar-
 rar Ilda que foge gritando)

Ilda

Socorro! Socorro! que me matam! socorro!... socorro.

Henrique

(agarrando-a e trazendo-a bruta e sem jeito para o meio da scena)
De nada te valerá malhar, has-de ser minha.

Uda

(debatendo-se furiosamente) Socorro! socorro! quem acode!
(desmaiou caído nos braços de Henrique, ficando com o rosto
para cima e caído-lhe o cabelo em desalinhado)

Henrique

Agora, pode vir Caciquel, não me recularás a pressa e
minha, si minha. Levá-la para uma casa no campo,
para eu poder socorrer-me a vontade! Podem vir todos
que não me vultar. (Tirando para ella um tom saas-
tico) E tu, perna sem fol, debata-te, quita, pede socorro
que has de ser atendida. Um tom nos espera.
Vamos (pegando-se ella ao colo; solta uma gargalhada es-
tridente) Ah! Ah! Ah! É minha finalmente.
(vai com ella ao colo)

Fim do 1º acto

Escola Superior de Teatro e Cinema

SECRETARIA INSTRUCTIVA DA SECÇÃO DOS
CAMINHOS DE
FERRO DO LESTE E NORTE
SÉDE
ANTIGO THEATRO TABORDA
COSTA DO CASTELO 75
LISBOA



Acto 2º

Scena I

Enrique e Leandro

Enrique

(secretado) Co' sr. D. João tem-se mostrado sempre engra-
da em repetir a sr. Henrique?

Leandro

Sempre; e tanto assim é que o sr. Henrique tem a este
gado successivamente brutalmente.

Enrique

Tem a castidade?! Tem?!

Leandro

Varias vezes a pao e a pua; outras, adoptando as Actuaes.
muito este elle encheirado e abismado si um subterro
neo que existe na casa. O teu escuro e tão profundo que
muito antes tu com antiga memoria se lá estivesse.

Enrique

Pode mimimar! Mas diga-me Leandro, não lhe pode
ser faltar? Estar com ella só dez minutos que seja?

Leandro

Isso sim sr. Enrique! O patão tem as chaves escom-
ditas... e abem d'isto o cartão é bem guardado: por isso
se haum porta como cinco lóts. O patão paria que se
cous que a rubem... elle que a ting tão bem guardada...

Enrique

Que sr. Leandro. O teu patão vem esta noite?



Leandro

Tem todas as noites. Elle algumas vezes é que vai abrir o carcere. Chiga a pobre menina a sair e vem para esta sala. Hermano se desordena, colaptem-se, e muitas vezes a si. Honra que não haja a mulher.

Enriquez

É tu tem coragem de ir todas essas vezes e não te commoveres, não accides á febre, não a defendes? Tás tu medoso de pã-tão?!

Leandro

Não sei hez! Mas elle paga bem... Elle ás vezes manda cá dentro, uma cadeira que me dá vontade de ir a elle e apertar lhe o gornete até a lingua sair toda do boço.

Enriquez

A que horas costuma ir e trazer-me?

Leandro

Tem sempre todas, pela noite ou duas horas, e assim tem vindo mais cedo. Não vezes demora-se até ao canto da manhã, e lá se retira-se logo.

Enriquez

É de dia ou de noite?

Leandro

Tem sempre pelas duas horas da tarde, demora-se até ao cinco, e lá se vai até ao seis. Lá depois, e regresso á somada noite, para sair novamente ao cinco da manhã. Pã-tão oente fadado até que ha de matar a pobre menina, que se vai ficando... ficando... elle mais parece um esqueloto do que um ser vivo.

Enriquez

Tu és applicado ao teu pã-tão? Estas ha muito tempo ao serviço d'elle?

Leandro

Não se lembra. Não lhe sou conhecido, não estou há muito tempo ao serviço d'elle. Afferção não lhe poderia ter porque sou novo na casa. Há somente oito dias que o sei; os outros que a miminha está aqui.

Prequiel

Tu não estás paga te hevi para estares a guardar a pobre prisioneira. Que também pagas generosamente a esses outros carcereiros...

Leandro

Oh! se paga. A mim paga elle principaesmente, aos outros principaesmente lhe ha de pagar também.

Prequiel

É tu não te vergonhaes de receber esse dinheiro em troca de se crime? Não te dá a consciência mais pazem isso peccar por tantas torturas?

Leandro

(triste) Sou, Prequiel, confesso que tenho sido um cobarde. Essa pobre menina já me tem feito chorar muitas vezes. Parece tão boa... tem um olhar tão meigo... Não vejo quando eu a acenpacho ao carcereiro da sua vontade de a deixar fugir; tem um aspecto tão enarroude e tão puro que denunciam serem homens acostumados ao crime. Por isso que sou criminoso.

Prequiel

(Acertando-se) É tu não é is?

Leandro

Não se lembra! Sou um desgraçado, um miseravel, mas não um criminoso. Criminosos chamam eu aquelles que commettam crimes; só porque gestarem de os praticar. Criminosos são todos he meus que têm sempre sido de sangue, que nunca se partem de malicia, de roubar, de praticar mal e maldades. Eu sou... um miseravel, um desgraçado! A maioria, a fome é que muitos

seja aos fogos praticar actos que nos envergonham, que nos cobrem
 de vergonha e que nos põe no caminho do crime. — Este Paquetel, se
 eu estou aqui ganhando este dinheiro, e porque tenho em casa
 minha mulher com lesta com a tuberculose, e meus filhos
 chorando por não terem pão. *(Emprega particularmente os olhos)*

Paquetel

Está são e poderás ganhar honestamente? Não podias prestar
 outros serviços seos que te empregabamos? Que tens feito até aqui
 onde te empregavas?

Scardão

For scriptoracio d'uma carta particular, onde ganhava pouco
 mas este pouco me servia. Foi a sempre e fui cural-a para
 um dos hospitaes de Lisboa. Por uma preocupação de
 ple. Passados dois mezes quando me encontrêi estabelecido que
 ao scriptorio para trabalhar e encontrêi lá outro empregado.

O patrão atreu-me com dois testes e deu-me que fosse pro-
 curar outro escriptorio. Foi sempre não chorei se. Paquetel.

Procurei trabalhar não o encontrêi; e quando desesperado ia taloz
 fuger uma boiaria, eu que me apparece d'impresso e se. Hon-
 rique e me propoe este emprego mediante a quantia de trinta
 reis.

Paquetel

Supoz, supoz. *(alto)* Tu podes-me a ser humada, e já que
 tões desintereessadamente me tens esclarecido sobre o passado d'uma
 deventurada vida, ven te propor um negocio melhor e mais honrado,
 ganharis e tripula e quando podes se arranjar-me um para que eu
 me enuncie para de porem e mais entozque. Procura o homem que se
 guardam ganharão muito mais do que se tem agora.

Scardão

Arranjar mais! isso é muito facil. Porque não tões aqui a pol-
 ca? Tu proprio elucidaci se agentes. Tu ther des onde a porem
 na sala e quem se trouxe para aqui? Dizi tambem si podes
 que o se. Honrique era do nome de Fernando, na occasiõ que

124
me e tratava antes do sr. me ter dito os seus verdadeiros nome.

Proquiel

Não quero que isto se torne publico. Quia peço ao sr. fazer a favor
chada para sempre se alguém souber de isto. Não quero a pa-
lida mettida no site. Tu serás mais discreto, e como tens boa
memoria em me lembrar não tardarei que eu a peço. Discreto
tem um meio, e melhor, e mais fácil e seguro por isso.

Leonardo

Um meio... um meio... eu lhe digo... não será tão fácil... (bater
do na testa) ah! já achou. Muitas vezes eu é que vou buscar a
memoria e a seu lugar para a memoria. Foi alguma d'esses
ocasiões e se está por aqui muito perto de um bar. Não hei um
signal qual quer. (quando se ve algum está a ouvir; e cada vez con-
quanto appareta) por exemplo o retinchar d'um cavallo, eu e
meu cão tem a voz d'este animal; será este o signal mais segu-
ro para não despertar suspeitas. Relembrou quatro vezes que
se a seguir. Eu não pelo lado da direita, pelo contrario em
essa sem razão porque não será visto pelo palhao e mesmo
porque ha hora em que lhe fura o ouvido. Já lhe não estava
ox. (contente) Talvez ainda haja um pequeno para casa.
Conseguirá um tempo a distancia do modo que não de que
vistas.

Proquiel

Esta combinado. Trarei comigo mais duas pessoas que se int-
ressam muito pela memoria.

Leonardo

(espreitando as mãos do assistente) Não calcula o sr. Proquiel a
salto para que eu senta o direito em lhe ser útil e principal-
mente a peço encarecida, que se fize com a significação de agra-
das da memoria. Talvez seja hoje que ella se veja livre d'esse ma-
tyrio. Certamente ha um dia que ella está presa em um ponto
enormemente feroz, por meio de algumas saídas que lhe não

obriam os pulcos.

Proquiel

(commovido) Pussa mártir Leandro! (com espada) É aquella corajão de tigre não se comove, barbão. Deus lhe dará a sua recompensa. Pella, seu anjo, ainda não tentou fugir?

Leandro

Não sr. Quando ella vai para a masmorra e que se guardas lhe fecham as portas a pobre menina quasi a soco de dez lhos: não fugi, não tenho segredos, Deus se lembrará de mim

Proquiel

Uma paixão ella gosta?

Leandro

Não sr. Ler o tempo a chorar e a dizer algumas vezes percutas e abandonada, abandonada.

Proquiel

Pois não consola a Leandro e diz-lhe que ha tres pessoas que a não esquecer e andam tratando da sua liberdade. Da-lhe esperanças de se fugir talvez que se veja livre das algemas. Mas não eu poderia vê-la...

Leandro

Já lhe disse que não posso e sr. Henrique tem as chaves escondidas. É o subterraneo e muito occupado e muito fundo. Para se chegar onde ella está temos que passar tres corredores compridos que formam uma especie de linha que brado; e' um lado e outro dos corredores ha salas arruinadas onde se tem a variedade de abricos de varias especies. (Impaciente e indocil se algum o cond)

Eu tenho de sr. Proquiel que é melhor retirar-se ainda assim não ventar e lhe p'ra ali; as vezes pode vir mais cedo e elle anda atarefado com a mudança d'esta casa que por outra quer levar d'aqui a menina para mais longe. Ainda assaz fardo com e já me convitou para eu ir com ella.

Requiel

(com raiva) Malado ainda aqui não a tens segurado!

Leandro

Vamos ao Requiel sua prudente retira-se, depois as coisas por minha conta. Eu vou agora falar aos homens que o guardam, diz-lhe hei... que sim... mas que também... e elles não se acordar com o que eu lhes disse.

Requiel

Quêta-me a arrancas desta morte! Olha (dando-lhe dinheiro) toma, este é para ti e este é para dases aos homens. Constante-se a prometta-lhes o dinheiro que te contendas por eu elles se venderem.

Leandro

Dinheiro para mim?! Não quero eu Requiel, basta que me vendesse uma vez. O que vou fazer em favor d'esse homem mas é sem interesse e com a amargura de não poder enbogan-do o dinheiro que Requiel recusa. Não accito eu Requiel, se esbaldava-me se mais este dinheiro se crielece. Cúma l'vo accio que eu vou fazer é verdade, mas não duquero de ver a ma venda. Repete não accito. Mal sabe remosce que eu tenho de me ter vendido a esse sr. Henrique.

Requiel

Accito Leandro, esse dinheiro não é a compra d'uma consciencia e' umos offerta que pago a tua fealdade, com pra-lhes fatos, pelo bons-bons, e que quizeres, mas accito por favor te pago.

Leandro

(maldade o dinheiro para o bebo) Não e que se desgostão, e assim accito e até com bastante prazer.

Requiel

(asparto) Grande a lua e grande occasão!

Leandro

(sem impaciencia e indicando a porta) Sua Inquirição não me ilude

Inquirição

Vá, vá, vá, já vá. Não vá, por quê? Não vá, por quê? Não vá, por quê? Não vá, por quê? Não vá, por quê?

Leandro

Sim, sim. Não descomparto, que tudo se ha de arranjar. Em todo o caso não esqueça a prudencia.

Inquirição

Adios, vou com o coração delacado e a alma com profunda angustia. (vai)

Scena II

Os mesmos e Henrique

(Henrique tem ouvido as ultimas palavras de Inquirição entra pelo lado de Inquirição)

Henrique

(exasperado) Que viem aqui fazer vos? (deitando uma olhar mau para Leandro)

Inquirição

Procurar o que tu não tens de bilhete. Não te disse que era teu inimigo para sempre! Não te disse que havia de voltar que elle te tirasse nos braços! Não o pude conseguir porque puzeste a mão bem rapidamente o teu intestino. Foi o acaso que te favoreceu. Agora torna-me eu ladião. Não de recubarta este o que eu hei de perseguir a custo o que custar, mas não é para elle pagar com sorte a vergonha e o desprozo. (com despreso) Não é para a lançar na precipitação em que vives. É para a entregar ao serviço e ao comício de pessoas amigas que a estimam e que

apreciam o seu coração.

Henrique

Tu venhas ma?! Não sabes que é preciso despassar d'uma fazca
herculeas para qua venças as passioes qua a guardam? Não sabes
que essa gente foi comprada como o meu d'ambicio e que fazem
só o que eu mando fazer? Não sabes que se tu tentares fazer
um só gesto de agressão, que morras ás mãos d'esse homem.

Leandro

(aparte) Tu me emboras porque isto dá em molho. (vai)

Esquivel

Julgas-te forte não é assim? Duzendos! Três homens volu-
sados como tu. P'uma quadrilha de bandidos que fôrmas te não
é verdade? (com impozição) Pois digo-te, entheoamente que
hei de vencer esse homem, que heide roubar-te Ilda, e que po-
firo te heide entregar á justiça. Fiquis por Hermingarda,
por aquella pobre amante recommendada, que morreu amando-te.
Fiquis por Ilda que tem sido uma mártir. Entregue as
seus ossos acubari a tua mala chum de maldade.

Henrique

(com raiva) Não! Cala-te não me falas esse Hermingarda,
não me avises essas scenas quando não...

Esquivel

(acrogante) Quando não é qui?!

Henrique

(avançando e pegando d'um punhal) Quando não venho te.

Esquivel

(vira e apontando-lhe uma pistola) Para tyz assassino' por tyz
tyz infame. Ainda não é agora que sou tua victimas.

(indicando a pistola) Não costuras com isto... Pois costura em
 nome a tua generosidade. Vamos, quise ver esse punhal lançado
 ao chão. (Henrique fura um novo.) Então sabes que não vou por
 na Bernardina. São depressa, quando não... pode-me trazer o
 doze e ser uma vez com Henrique, um conquistador dos tempos
 de antes. (Henrique deixa cair machinalmente o punhal e apetece-se
 dando um olhar selvagem para Enrique. Este apunha o punhal.)
 Não sezes e hien he, ai esse estribos que me estás fazendo novas
 coisas... Bem, vamos lá a vermos e a vermos com a sua licença
 (Responde.) Onde está Ilde? Quero vê-la. Está nesta casa?

Henrique

(sem saber o que responder) Não... Ilde... Ilde... está muito
 longe... está... não... não sei dizer mais.

Enrique

(explicando bem com o gesto) Esta foi ou esta dente? Vamos
 diga a verdade e deixa-te de atipalhagens.

Henrique

Não está aqui... Ilde está em Lisboa, num dos bairros.

Enrique

(chacucando) Bem que estás esta a ver dos bairros. Pois como
 ella está em Lisboa e num dos bairros, amanhã posso vê-la e
 quero levá-la para casa. Estar-lhe de me ver aqui não é con-
 dade? Tenho a febre mas bem montada do que tu; e quise
 se ainda não podes conseguir saber, foi te parasado de Ilde,
 mas como tu amanhã me levar a casa onde ella está, a tal
 bairro, já me não incomodas.

Henrique

(apresentando satisfação) Bem amanhã te levarei a casa onde ella
 está, amanhã pedes duas horas de tarde está em minha casa
 que eu te espero.

Enrique

(*acordando-se*) Ora até que sofrem si ussa mulher hancun de
palavras. Bem, por combinado. Não sainta pelas duas horas
estarei com tua casa, mas se faltares eu te vado ao sito (*aponta
do the a pistola*)

Henrique

Palavra.

Enrique

Palavra de quê?... *off*

Henrique

Palavra d'honra pois que havia de ser!

Enrique

(*aparte e acordando-se*) O malha mente com esse decaimento
to inaudito. (*alto*) Oulha até amanha sãa? Temos agora tu
quas? Somos p' amigos pois não?

Henrique

Somos sempre amigos, d'ora em diante sempre sempre ami-
gos!

Enrique

Bem, bem, sei seu, e c' d'ito d'ito. (*aparte*) Mas sabes tu que
a prova está feita a fugir (*põe o punhal na mesa do outro lado*)

Scena III

Henrique só

Henrique

Ou o céu ou o inferno me farrase! Jalgas tu Hilda, quando eu a
tenha lá em baixo no subterraneo; e jalgas para que não me
faça, para que seja só minha. (*mondo ao meio da scena*) Ora
mulher que me cobria os sentidos, teu-se mostrando irreparavel
no meu ante e ás minhas amargas! Não ha de ceder por p'ra

paque eu quero, e porque me quero unir com todos os cultivos de
 Enquiel e d'esse pintor! Tilda ha de ser minha se para saíres
 te amos que me devo e me mata... E quando essa mulher apor
 xenada por ultimo, sair a meus pés, declarando-me todo o
 seu amor, toda a sua ternura, toda a sua affeição por mim,
 então... (com o ar de e singuloso) então esse He um punhal no
 peito que e o merito do seu antigo odio: Tilda não pertencera fi
 mais a outro (com um suspiro) E como não descobriam ain
 da o lugar onde estas, dirias-te hei para abri-te a minha. Os
 homens que te guardam são de impudicos dos seus deuses, e este
 Leandro vale bem um cento de reis. Ah! Enquiel, Enquiel ama
 nha mal sabes tu que Tilda partira commigo para longe muito
 longe, para Hespanha, para França, para onde tu e a tua
 policia a não possam descobrir. Tilda não se desposi porque
 para isso He darsi a beber um ingrediente que a poua dev
 seis annos. Ah! Enquiel amantão quando forem duas ho
 ras só eu e o aminho de terras estanhas (toda esta fala deve
 ser dita com um modo agitado e enervado, com um commoção
 e senta, se deca de um charuto)

Escola Secunda IV teatro e Cinema

Henrique e Leandro

Henrique

(com tom natural a Leandro que apparece) He manha de nos fer
 made longe. Vamos para fora de Portugal, não por tanto de ac
 sanjar os preparativos da viagem.

Leandro

De maneira que este prova também não?

Henrique

Pois e por elle que não vamos para fora. Este homem que
 d'aqui se retirou ha pouco quer nos dar a mão.

Grandio

Também me parece isso. Elle veio cá por causa d'ella mas
se disse que aqui não havia mulher de castidade.

Que está casa era onde o sr. Henrique Lemondando de Souza Fernandes
pouca a maior parte do anno.

Henrique

Teste-me por Henrique?

Grandio

Grandio, disse sr. Henrique... (Lemondando) sr. Fernandes. E que
me enganaram, como é o caso da feição de Amara e Henri
que, por ser o que foi Henri não me fez, porque Henrique
Fernandes é tudo o mesmo, não, pois não é o mesmo sr. Hen
rique? (Lemondando) sr. Fernandes? Que tal está Henri? sempre
enganado esse

Henrique

Bem, é que eu julguei...

Grandio

O que é que julguei?

Henrique

Julguei que sim.

Grandio

Pois julguei... que não.

Henrique

(Lemondando de pensamento) Grandio, não se ia ao encontro das
das essa mulher que lá está.

Grandio

Das d'ellas? Não sabe que o sr. os conhece em lugar bem de
quer. Não sei onde está...

Henrique

Sim não me lembrou das d'ellas. Como amantão já se não
está com você dizer-te onde está. Vai lá abraço e fofoca e
no entanto não mais propondo encontrar as d'ellas.

Solo pela creche até tarde as perovadas se conhecem a direito, até ha
 curral parte conhecida e de outro d'ella, mas fundadas d'uma lingua
 estão se chaves combulladas n'outra supstancia, sobras de mais ha
 de madeira e de folhas secas.

Quando

Nem o mais pintado era capaz de dar com ellas. Tomba-as em pon-
 te bem alto e bem seguro.

Henrique

Dem, agora que sabes de recender-se as buscabas e traz a presen-
 ça para este saber.

Quando

Sim, padre, sou a cora (sic)

Scena V

Henrique sr

Henrique

(Cenar; levanta-se) Quando me vistes se ainda sou tão novo com não
 saber o meu nome. O teu orgulho e a tua pertinacia, ha de que
 ha de se adosar a que me te ha de infligir. Nestas arrogancias
 ha de deparar-se como as ondas de mar d'encanto ao chafariz.
 Não minha, disse eu e ha de ser minha, ha de possuir o teu
 amor, o teu coração. Tive-me feito soffrer muito mal, para
 que eu seja indulgente para comtigo. Ha de soffrer, ha de pa-
 der porque não te ha de satisfazer. Quanto a dorça te ha
 minando a epistacia, como me vistes que soverteiramente se
 recende no organismo para o saphaer e amey, quando tu já
 sem forças para lutar e sem energia d'abna, para combater,
 te mostrava a anniquilado, abulido, não tens outro remedio, se
 não este. E ainda ha de thique a amar-me amor que eu
 pagaria com curros de curro. Não sou não já d'inter, se
 há minha, se minha!

Scene VI

Henrique e Hilda.

(Hilda tem ouvido as ultimas palavras de Henrique, vem abate-
da, cora quasi cadaverica, olheiras bem fundas, cabelo caido em
desalinho; traz nos pulsos correntes de ferro que amasta pelo chao;
atravessa a scena, com passo lento)

Hilda

(contando pela D. e entra a porta) Nunca! prefiro morrer, sem
uma tyrannica ategimento do que ser viva! (atrasava a scena)

Henrique

(sempre apressado) Não ha de passar, salvação de criança que e
tempo de destruir. Nunca mais que amaram, sempre juntos,
mas não tardaria a desobediencia por entre ellas e os benéfi-
cos da regeneração. Torna-se leveira, que atacam mais não se
podem sair. Estou certo que depois de muito tempo, ha de
vir a bonança; direi melhor, depois e choro de imenso gozo,
abris de ventura, d'onde. E intimo porque bem sabe, desde
que se torna publica que e misera amante, todo o mundo
lhe dirá ao favor e ali vai a amante de Henrique. Já se não
pode rehabilitar Hilda, e' preciso ceder, e' necessario correspon-
der ao meu amigo. (com indifferença) Já está perdida para sempre!
poe!

Hilda

(chorando) Já estou perdida para sempre sim!... Perdida...
e abandonada!... Perdida para o mundo que não sabe da luta
tenacissima que tenho sustentado contra o mundo que me
quer arrastar para a senda da corrupção da depravação!
Perdida para o mundo que tem tanta tendencia natural
em dar credito aos difamadores e assassinos da honra diri-
gindo sempre phrasas eivadas de oporção mendaces, pobres des-
graçados que se vivem despendidos de protecção, de amparo!

Sim, esteu perdida para o mundo que mais de prava, eei nas
palavras suas e cheias de veneno, de um perdido, que goste e seu
tempo nas viagens e nas imundicias de lupanas, de que se hahe
mas venenos de uma donzella, que se estese nas ditas d'uma
arborescencia, de um insulto!

Henrique

(com sorriso insultante) Tambem gostado de a servir. Nunca jul-
guei que tornasse em tao grande conta, no que se chamasse
dignidade, honra! (com indifferença) Pois nao vale a pena
apropinquar-se por tao pouco. A honra e uma palavra e a
a que os homens da epoca deo pouco valorizavão.

Ida

A honra e' hama para os homens que por entre as raposas
de vinho e o tilintar das tejas, recebendo mil beijos impuros
de mulheres impudicas, tornam e conhecem cumes, e soc-
midades, acovardos, quasi sempre de ardeuras as pobres donzellas,
que ingenuas e credulas se dissipam illudiu e avoltar as felis
palavras fermentadas, que costumam no seu calor e regozio, a
pessoas que ha de matar e longer na prostituição. Para os
homens e' que ha epite honra, dignidade, pudor (choca)

Henrique

Está muito sentimental. Pois digamo nos de choras e de temer-
as. Tenho a acutade com paciencia demandada; e' mister sou-
bar com os sentimentahoms, com os choras e com a resistencia
que oppoee. E' necessario saber os seus estylos a usarem.

Ida

Ceder?!... Nunca. Prefiro morrer algemado, presa a estas
calfias que me arcaçiam as pulsos do que ser de um amante.
Prefiro eor ennucechicarem-se as coas do senti a pouco e pouco; pre-
fero vir fugir o brilho dos meus olhos ja tao fundos tao encova-
dos, prefiro ver a tabaculosa a minar-me o corpo, a enfraquecer

me, do que fizas-me ac. heomeno que detesto e que só odio e des-
prezo sobre inspiras. (implorando e olhando aos pés de Henrique)
Porque não sou mata de. Por Deus lhe peço que descanse que sou-
be minha tola a sua cabeça, todo o seu odio, mas mata-me.
Vá, vá... com mim sem punhal, rasgue-me o peito. Seja
misericordioso uma vez se suplicante. Me peço a morte!...

Henrique

(Avantando e e repulando com foga para junto da mesa do con-
te) Matar-te?! Ainda é cedo. Entressaio primeiro que se
me afogue com tuas volubilidades, e necessario primeiro
que lites coragem que pulso por ti, possua e que tanto dese-
ja. Matar-te?! Ainda está, queira o cete soffrer muito ma-
to! Quere ver rebre ainda por essas fies, lagrimas abandon-
tas de arrependimento. Não de amas-me primeiro eu pe-
gois na por gabo, depois... depois... mata-te he, oravate he
o punhal no coração como tanto me pedes!

Theda

(Preparando no punhal que está em cima da mesa e tu-
ra o fustero morto) Foi certo que me não mata já e que só
quer o meu amor para o. (Theda mata o cete e assim da
seu exemplo e ensinassi ai um theso como se castigam um
fomes, e educatões. (corre para Henrique, que ferit-o, este
pego no golpe e consegue tirar o punhal, mata, e obriga Theda
a prestar-se. Me nos foi, fez menção de q. quere matar ora
ar. Me o punhal na corça)

Scene VII

Os mesmos Honalbe, Grenble e Paquiel

(Entrando todos pelo E. Honalbe a range sapato seguro e pulso de
Henrique notando o golpe, Grenble e Paquiel fassu exporosi-
dos: Theda levanta-se e carabanda cac no sofa)

Geraldo

Veludo! não é uma mulher que deve ser, é um homem!
É justiça agora as contas, vale pagar por todos os seus crimes.
(Quê estrangulal-o; ação que Geraldo e Enquel unta. Este depois
sua para junto de Alda e Henrique tirar-lhe as contas)

Geraldo

Não portense ao homem tirar a conta a conta. Deus foi quem
a deu e quem a ha de tirar. É justiça que me compate fazer
o mantal e para uma privac. Vou de expor os seus delitos, os
seus culpas.

Henrique

(Cantando Henrique) Tem razão... mostrar as mãos de sangue
homicida e mostrar a alma, desaquecer e expulsa... tem razão.

Enquel

(Cantando com as almas nos pés de Henrique) O pior castigo
para esse homem é a presença-lhe no pé as caduvas com que
algoncau este anjo, este morto. Tira as caduvas que o ha de
prender no amor para sempre.

Henrique

(num modo apuro) Pense!... (re) ah! ah! ah! Ainda
me não combles Enquel! (cuspido fogo) Tenho um coração de
tipe que si se satisfaz e está bem importante está deitando e
presa. Tenho uma alma que se extasia contemplando o
impertinencia dos outros, os desgragas alheias. Não me posso enten-
der porque sou de pedra e mais frio do que o gelo. Pense
so? Nunca o hei de sentir, porque eu sou a propria sabum
nia e proprio mal.

Geraldo

As pessoas as mais si as mais ociosas aquelas que constante-
mente vivem na devassidão; essas pessoas que não conhecem o
bem e que nunca possuem os contentos que lhes duzi-

passarem a corações, e os mesmos têm contra vontade d'ellas
uma voz interior, mais severa que um juiz que sempre, que te
diçammente os accusa, que os seus peccados e folgetas das cogias,
que os deus, me desgostei. Esta voz é a da consciencia, e a
voz de Deus! E se se morrer fatalmente ha de vir quando me
ay condemnar. Não vos podis justar a elle.

Elida

(que tem estado sempre no seio como inanimada; Procuil de
pe' frente d'ella) Não de sentis e remorso, sim porque a maldição
está sobre elle; e a minha maldição!

Acto VIII

Comemorei Leandro

Leandro

(dirigindo a pala a Procuil, Jacalé e Hernaldo) ²⁷ Veiram mais
só do que eu julgara, não era eu que se tinha com tirador.
Mas como as coisas se correm bem... (falando para Procuil) Os
seus homens que guardavam aos pechos meus, saíram, e
não quizeram saber de mim nada, recobram e abastecem que
Deus foi e saíram-se. Hignia eu combe' aqui pagar uma divi
da de consciencia. Tenho pedir perdão a essa angeliz menina
que tanto soffreu. Foi meu quando, e não me a recorda, mas
se me accepta. Não o seu perdão. (apellha nos pés de Elida,
está exultando) Tenho também entregar-lhe esta bolsa de prata, e
algun dinheiro; pertence-lhe. Entregou-me tudo quando para vi
vir. (entregu a bolsa de prata que Elida accuta)

Elida

Estás perdendo de Leandro, não creia tu o culpado mas sim aquelle
homem. (aponta para Hernaldo)

Leandro

(para Henrique) Agora não sei. Henrique (comendando) se Fernando que tal está há de sempre a enganar-me e a brava a fugir para a cordade. Também me vinha a enganar e a desbeir que me deu, não é que se. Esculta-me as mãos. Ainda me não pendi a tempo. (entregando de lhe o dinheiro e com desprezo) Pode ser a tua para entre que tenho menos repugnância ao crime.

Henrique

(tirando o dinheiro das mãos de Leandro) Também tu te considras senhor sobre mim?! Hora de pagar-me com o teu aborrecimento e desobediência. Eu que julgava ter-te preso e foguei-me... e ella a Hilda também me fuge?!... Não, não fugida porque não quero, (arranzando para Hilda)

Arnaldo

Para traz o malha, nem com um se de do the tocaria Hilda está liberta e tu irás acabar os teus dias n'uma cadeia. É o premio das tuas pragas dos teus estalários.

Henrique

(para de si a movimento do a deca) Onde estão os outros homens, onde estão? (chamando) Polcaro, Arnaldo, Felizardo, venham todos, venham triangular este homem que me quer a soubar Hilda! Venham depressa.

Polcaro

Polcaro: É muito sobardi.

Leandro

(comandando) Os homens?... O he. A estas horas estarão elle já muito longe, occorreu a morte (sindicando de duvidas) e improu-se. Combari porque tinha. Mas d'ito comas estas comas que se son tentaram e ellas puzeram-se na penna; pois como conta ella?

Henrique

(indo para Leandro com os punhos curados) Ah! canalha!...

Leandro

(pendo-se com a mão de querer bater a Henrique) Agora que

50
tudo se recue mais depressa... eu não vou para Sincadinas... e o
meu filho é digno de estar ali que tu és.

Henrique

(para Hilda) Ainda não voltas ao teu juízo. Has de ser mi-
nha, se minha, ainda que eu tenha de revolver o mundo
inteiro. Sou rico, muito rico e os homens e as circunstâncias vão
prontar-se a todo o custo. Has de ser minha!

Hilda

Nunca preparei suicidar-me!

Enrique

Discorrem que nada d'isso ha de succeder. Percei um cege-
do d'aquelle nome (indicando Henrique) que se o deves-
tes, encalhe a e deslaria que a tua se abrisse para elle
de encerrar. E um defeito não dissimulá-o para se evitar as
nos attentadas, rebres crimes. Mas sei este homem e o mais
inferno de todos na escala social. Junta a depressão ao
desrespeito social, a falta de ensino, ha de ser um
periculisoso até que os magistrados lhe tomem conta da
pele. Como pobre amante que elle tem, temo, meiga lés
como uma santa, soffreu os mais atrozos castigos, e por ul-
timo como uma mulher lhe tomou muito amor, e uma
lha sem mais preambulos, mata-o e encerra-a! E um
mulher foi tão sublime na hora da sua morte que profe-
riu o seguinte: Fidei, me porque é amor. Chamava-se
Hermingarda da Sibiria, de quem esse monstro alem
de dois filhos, teve uma menina ainda como um Pe-
pim.

Hilda

(empallidendo; tira de si uma medalha em que está o retrato
de Hermingarda) Hermingarda da Sibiria!... Meu
Deus! Combateu a sr. Enrique?! (dando a medalha a En-
rique e levantando-se) Esta?!...

Ersequiel

(depois de ver Henri) É esta, mesmora, minha mãe?

Ida

(quando se vê e tapando o rosto com as mãos) Meu Deus!
É a minha mãe!

Ersequiel

Quê está a desbratar-se a proximam-se todos excepto Henrique!
A minha filha Ida da Libeira; perdeu-me por esqueci-
dade, e tua mãe que te o supplicou. Henrique da Libeira!

Fortes

(vem Henrique, com os olhos supantados e com voz abafada,
indicando Henrique) É seu pai!...

Henrique

(descorrendo e com voz supponente) Minha filha!

Ida

(avanta-se com arrogancia e a chorar) Não! não sou sua fi-
lha; sou uma abandonada que nunca teve pai; sou uma
esquecida que atiraram para um montão como paraço
amarel!

Henrique

(quando nos pés de Ida muito afflicto) Perdão! minha fi-
lha, perdão!

Ida

Perdão?! Nunca. Não sou sua filha para que lhe pos-
sa conceder.

Henrique

(muito afflicto) Filha! filha da minha alma, perdão-me!

Ida

Filha! Sabes o que é ter uma filha por ventura?

Ter uma filha é ter um sic abate, para onde váam ter
 das as esperanças, todos os appetos e conselhos! Ter uma filha
 é ter um thesouro incognitável e chio d'amor de ternu-
 ra! Ter uma filha é ter sempre quem nos ame, quem
 nos estime, quem nos obedeça! Ter uma filha é ter um
 mar immenso de benções, é ter dentes de seis a natureza
 inteira! Não é que é ter uma filha! - Pois o que fi-
 gures? Lançaste-a para um campo onde vegeta a miséria, a
 desassidua e deshonra. Então salvas que se havia de ser
 cor, que havia de ser mulher, havia de ter as abacções que
 todos têm e então havia de ser seduzida e vendida com astúcia de
 mim muitos adoradores que se transformariam em uma
 prostituta, em uma infeliz, em uma perdida. Sim, se eu
 adoradores a que os portavies tem por heito manchar o ve-
 lo virginal das donzellas, culpando. Mas depois na frente
 deshonrando-as e fazer por ultimo beitar d'ellas; e de lectão
 em lectão, as pobres filhas abandonadas, vão merecer pedras,
 chapadas na triste enxada d'um hospital. (chocando) Pois
 não tem pai, aquella que me expando-me, queria a virgem
 frega de humar-me! Meu Deus! meu Deus!... Ter uma
 filha é não se contentar! eu ter um pai e nunca sentir um
 filho ardente nas minhas faces, nunca ter um afago,
 um carinho! Pobre abandonada, seás sempre triste
 como a noite tenebrosa! nunca os teus olhos terão brilho,
 nunca o teu coração terá alegria! (chora)

Henrique

(supplicante) Filha! filha! perdoa-me.

Nina

(resoluto) Nunca! Uma abandonada não tem pai!
 Uma abandonada nunca teve borse onde se inclinar a cabe-
 ça e se cobrir os dentes dos justos. Uma abandonada só
 tem por sobretura um boado de mantá expassada em
 de cobrir o seu corpo nu. E o se. d'rico, tem muito dinheiro.

... não teve a coragem de offerecer um bisco a sua filha,
 de a cercar, ainda que longe, não a educar! Pois como não
 teve coragem para me comprar um bisco (arremessa-lhe
 os pés a loba de prata com dinheiro) abri t'ém esse pou-
 co de dinheiro; pode servir para outra filha que queira
 marcar. (com feiza, dirigindo-se para os costados) Vamos
 ver este homem não é meu pai! É um reprobo! (murmurando
 ao geral para sair)

Henrique

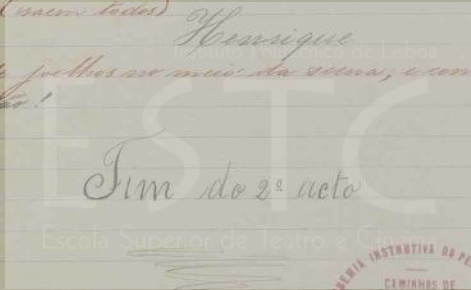
(dando um passo para Elida e supplicante) Filha! per-
 doo-me!...

Elida

Mamma! (vacillando)

Henrique

(caindo de joelhos ao pé de Elida, e com feiza) Meu
 Deus perdão!



Acto 2º

Escola Superior de Teatro e Cinema



ACADEMIA INSTITUTIVA DO PERSONAL DAS
 FERROVIAS DE
 FERRO DO LESTE E NORTE
 SEDE
 ANTIGO THEATRO TABOADA
 COSTA DO CASTELO 75
 LISBOA

Acto III

(*Vista de campo: bancos de jardim espelhados pela seara; Joubert de ac. subir o parral e ir a seara fazer depois, rasgando um subscripto para ler uma carta; sceta-se oium dos bancos*)

Scena I

Geraldo só

Geraldo

(*Acendo*) Caro Geraldo. É uma carta cheia de sentimento que lhe escrevo hoje. Como sabe andei indagando para onde se vão Geraldo e filho de sr. Henrique de Mattos. Percursi a Indonézia, quasi que já perdendo a paciência mas afinal encontrei-o. A pobre criança foi levada para muito longe, para uma aldea perdida em Traz os Montes. Como que é um santo velho, cheio de bondade, esclareceu-me sobre o assumpto, diz elle: Quando se fez a sua missa d'aba, apparezara no altar da igreja, uma criança de sege mascarada e abandonada com um pouco de dinheiro encoberto no peito que a operára e juntamente uma carta com o seguinte dizer: "V. Ex.^a como um santo virgão e um santo pastor da igreja, protegerá essa criança. Baptisala ha com o nome de Hernaldo com homenagem do seu avô materno e terá mais o sobrenome de Fossico: um recordação do seu avô paterno; e me mire tem um signal em ouz, feito muito de proposito no pulso esquerdo. Sou chegado a abandonar o meu querido filho. Confio no sr. cura e o de V. Ex.^a que espero a protecção para o meu querido filho. H. L. Como vi meu amigo, o filho de Henrique de Mattos não poder ser outro senão o sr. Hernaldo da Fossico; tem o signal em ouz no pulso indicando pelo tom de voz; a idade que o padre dá ao seu Hernaldo é de 20 annos, idade que tem o nome Hernaldo; o pai de Hermizgarda effectivamente chamava-se Hernaldo, assim como o pai de Henrique de Mattos

se appellidou Ferraz. Por todos estes dados se conclue meu
 amigo que e filho de Henrique de Mattos e var. Hernal-
 do da Ferraz são uma e a mesma pessoa. Foi um cois-
 coberto bem triste que fiz meu amigo, antes não queria sa-
 ber de nada, de que estar eu agora sentindo sempre, em
 saber que Ilda e Hernaldo são irmãos e que se acham ou-
 dos sem que a mais leve sombra de desconpango. Mes moste
 a existência de tal parentesco. O pobre pivo tem engado
 a sua paciência em ver do seu Hernaldo, fugiu-lhe quasi
 do tempo 13 annos. Foi depois noticia que havia morri-
 do e o bom do padre tem chorado sempre o seu Hernaldo.
 Não sei se foi prudente em lhe occultar a sua existência.
 Disponha sempre d'este seu sincero e cordado amigo
 Theophil de Barros. (Avantando-se) Meu Deus! Para que
 estarei eu guardado ainda?! Saltára-me agora esta carta
 para honrar e desgastar a vida de Ilda e de Hernaldo
 seu esposo que tão felizes se sentiram agora, e futuro: parca
 lhes com o Pa' de tarde em tarde Ilda é que algumas ve-
 zes chorava, arrependida de não concordar e pertão a seu pai.
 Mas isso passou e o que lá me tá me. Fobiu esposos, mal sa-
 beio que o destino que vos está reservado! Corra-vos a vida
 alegre sem sombras de dor. Desejo mais se, no vosso futuro
 um horizonte radiante de felicidades, um mar de rosas! O
 vosso fubinho que tá em bebidas vidas crescer e para quem
 o porvir era prospero: há de fazer-vos corar de vergonha; e
 essa criança ha de ser sempre infeliz porque nunca terá
 songado o espirito quando chegar a ser homem. Infelizes
 esposos! Arossa figura de Ildilva para tão longe, para
 Madrid, nem por isso mes vão trazer a tranquillida-
 de, a paz. Há cinco annos que estamos n'esta terra jul-
 gando evitar a perseguição do pag, mas não é possível.
 Ilda nasceu para ser infeliz e ha de ser o sempre. Ah! He-
 rnaldo! Hernaldo! mal sabes que um sujo qui e' tua mulher,
 e também tua irmã! (prossando pela scena) Grandes do-
 gurias de Deus! Esta carta ha de ser o anatema para o pobre

57
Agnaldo que loucamente ama sua mãe, a sua irmã!!
Não elles nem eu o háo de saber, vivêo sempre juntos ama-
do-se sempre! Quem marria esta carta, escreveu a Ezequiel
para que não foga publica a sua desobediência e assim elles
irerão felizes, sendo cientes essa circunstancia que é d'elles to-
do o embalo todo o esquelho. Firmado. (Separando paucos lu-
de D) He hi um elle, com voz em unimadamentes... fase
cum discente... (voltando se para o lado opposto e saindo pelas
E) Não tenho coragem de os encerrar e de lhes falar; vou cir-
tar-lhes a presenças. (vnc)

Scena II

Mãe e Agnaldo

(Entrando de longe dando e assentando-se num dos bancos) Não
me tentas illudir Agnaldo. Meu pai hoje encontra-se
quasi na miséria. Os jornas annunciaram a sua venda de
sustentada, e seu estabelecimento. Arreca covenies semanas ao
foge pedindo sempre dum elle. Meu pai deu soffrer muito
e quem sabe se sou eu a causa de sua infelicidade!

Agnaldo

Não me parece accetável esse presentimento. Se teu pai con-
tisse e menor senecido, já há muito que te teria assistido para
implorar o teu perdão. Elle que não foge ainda é porque a sua
coração embotado pelas suas contínuas extravagancias, e pelo
selvagemmente moral, não pode conceder sentimentos de nobre-
za.

Mãe

Não sejas cruel Agnaldo! Muitos vezes e comção admirar
Esta minha preocupação constante, o pensamento sempre
tente que me perturba o espirito, o desejo acidentado que tenho
de o ver de o abraçar... tendo isto me leva a crer que meu pai
soffre muito e que já não é o mesmo homem! Não sei se
parece mal dizer o mais... tenho-lhe amdo... e quantos ve-

que em silencio quando tudo dorme, em ossos, mas horas e horas
 de noite eu vejo e expensas lagrimas deslizando pelas faces me
 incitame a levantar pesos hercuros no Pondos Deus pelo
 bem estar d'elle. Como coração ja lhe perdeo tudo! Se eu fosse
 para elle uma mulher apenas, nunca lhe perdearia; mas sou
 filha e como filha tenho o dever de o amar. Este amor e
 natural, pode-se dizer ate que a altura dos paes vive na das
 filhas e vice versa. Os filhos sao o prolongamento da existen-
 cia dos paes e como tal, nunca por nunca ser o peduio e o lar.
 O dever filial sempre a todos os corações este deve seguir: o amor,
 respeito, e obediencia segundo a razão e a moral.

Ronaldito

(Pegando-lhe nas mãos) Tens um coração d'ouro e uma alma nobre
 e immaculada. Quem de nós entendi bem a teu lado?
 (Cantando) Tu que foste uma mulher, que offreste os ultrages
 mais descarozaes. Tu que tantas offensas recibiste de teu pai
 esqueces tudo; tudo, e se te lembrars que esse homem e teu pai,
 pegando-lhe em amor e que elle te deu esse impaccio. No-
 bre coração! (Abraça-o)

Ida

Não e a bondade do meu coração Ronaldito! Como te dis-
 se hu pouco nunca lhe perdearia se eu fosse, para elle uma
 desconhecida, mas sou filha e como tal tenho obrigação de
 o amar de o respeitar.

Ronaldito

No entanto e que não desejo de ser verdade e que teu pai
 te esqueceu por completo e que nunca oremos e apegamos
 teu. No caso contrario ja elle te teria procurado e implorado
 de o teu perdão. (Abraça-o)

Ida

Não fugimos nós d'elle? Não viemos para tão longe por-
 ra não passamos as suas vistas? Não foi em segredo que o

figuras? E tanto em segredo que nem as irmãs adivinharam a nossa partida. Porque não ignorará elle o nosso paradeiro? E quem vos diz que ainda nem um que saiba onde estamos nunca nos procurará porque a vergonha o impede de fazê-lo? Foi Arnaldo meu pai sempre bastante. A sua superior decadência e a sua vida tão tanto errante, são uma prova do que digo. Dizes que elle não sente remorsos? Pois eu sinto o contrario. Elle procurando por sua propria vontade e decadência, foi unico e exclusivamente para apagar, para distrair, para esquecer melhor o remorso que tanto o atormentava e que tanto o mortifica. (tudo)

Arnaldo

Esja como for, e que eu não quero e quero fiado. Porque tu pagas, como sempre que nunca existiu. Não tens o exemplar em mim? Nunca conheci meus pais nem a vontade. Vou de os conhecer. Elle abandonando-me deixou uma prova do seu duro coração? Sou um abandonado, um esquecido e no entanto tenho sempre um sorriso nos labios que desaparece quando tens a mão!

Escola Superior de Teatro e Cinema

(pegando-lhe nas mãos) Havia de saber que meu pai existia, antes de o ver abandonado-me por ser abandonado e esquecido. Depois de saber que meu pai existia e chamou-me filha, eu esperava e nunca me concedi o perdão. Estava enraivecida e ofendida profundamente para que naquele momento acordar de um sonho e voltar ao mundo. Depois Arnaldo, meu pai voltou e chamou-me a si, não posso deixar de o amar. Confesso que não foi também nos primeiros meses que este amor era mais um possessivo tempo, quando se fez luz na minha razão envolvida em trevas, quando o coração em segredo me disse muito baixinho, e ama e, ama e porque é teu pai. Depois de então foi sentido em mim umas mudanças excepcionais. Já não era tão doce nos meus pensamentos, como tu fiz-

me na persistência em o odiar para sempre, foi desaparecendo
 até ao ponto a pouco desmorinando-se lentamente em
 affeição que progredindo sempre se transformou em amor. *Repi*
Hernando sou o e respeito o como a elle tivesse sido sem
 bom pai e bom cidadão. (com nuquico) E tu não podes levar a
 mal este amor *Hernando*. Gostava certo que se teu pai existisse
 e te chamasse filha e te implorasse o perdão de todos os seus
 varios, tu não harias de ser tão inexoravel e cruel para que
 elle não contedesse e para que o não amasses.

Hernando

Podes bem longe de pensar em tal. Meus pais depositaram-me
 no christo para sempre. Nunca me procuraram, porque temer
 me hão um parto parado para elles e tão hã a regerha. Sou
 um abandonado sem esperanças de familia familiar. Nunca en
 te o calor dos braços maternos nem os afagos d'um pai estimo
 sido. Meus se elle por um acto de dignidade e misericordia
 me procurassem... não si... talvez elle não perdoasse...

Ida

Não digas isso *Hernando*. Pergunha-te a ti proprio, harias de
 perdoar porque a pedia e o orgulho inactívico das grandes
 almas, das grandes corações. Tu és bom, tens um coração no
 blo e por tanto as requizitas necessarias para poderes perdoar.

Hernando

Qua mudemos de assumpto. Pergunha estas coisas que se nos pe
 dem magoave entristecer. (levantando-se e paucial)

Ida

Não. Pelo contrario contenta-me no mesmo assumpto, visto me
 bem quanto falamos da familia. (levantando-se) Sabes ha muito
 que tenho trazido no firmamento um plano que em breve possa
 em execução. (sem pensativa)

67
Arnaldo
Não pudei saber qual é esse plano?

Tha
Podes sim é ali certo, comtigo para me auxiliares (pensativo)

Arnaldo
Estão as tuas disposições (soltando-se) Deu ser um plano grandioso e uma tarefa bem ardua. Como viste como falas, deves antever os caprichos de uma melindrosa moço: sou todo ouvido

Tha
(sempre triste) Arnaldo, eu tenho familia! Um pai que se jolhos me implorou e pediu das offensas committidas... tenho um irmão que não consente... que vive talvez e talvez em Lisboa com a mãe, com a mãe. (suspirando) Pois não deves procurar o por toda a parte para me chamar meu irmão, para me obter um coração amigo e para o arrepiar das garras feiras da sciencia, da fome. Tu es lá e não podes chegar de me por fora esta vontade. Procurar-me a meu irmão. Concio para o achar não sei em qual de um e outro, que o tenho encontrado e que talvez não esteja longe de nós... Madrid é grande e como todos os capitães talvez talvez a vi meu irmão. Não sei porque é, mas tenho um presentimento que elle estará em Madrid.

Arnaldo
Ora verbes pueris, a tua imaginação faz-te ver o que não é muito possível. No entanto empregaremos todos os esforços no nosso alcance para o encontrar-mos. (sufocando) É uma abna sobre Tha. É um rapaz que Deus mandou à terra para nos consolar os tristes, os sofredores e os abandonados. Não posso recusar e que tanto do coração me pedis. Havemos de encontrar teu irmão de certeza. Dar-me-hão abego em nossa casa e a mal e temos sempre.

Hda

(muito satisfeito aperta-me a mão) Muito obrigado meu Arnaldo. Minha oração me enganou pensando em ti. Agora sinto-me mais feliz. Ter esperança de encontrar meu irmão, dar-lhe o amor paternal, saggar-lhe os recepos que embustam o seu coração abandonado, dar-lhe alegria, consolação, conforto e o meu mais ardente desejo.

Arnaldo

Confio em Deus e na tua persistência que se ha corado de dar bom exito a nossa tarefa.

Hda

Assim o espero Arnaldo. Deus não poderia recusar-me o que tanto lhe peço nas minhas orações. He de ouvir-me.

Ulla meu amigo muitas vezes quando estou sozinho pensando vagamente em mil coisas um turbilhão de ideias se me assalta. A imaginação sempre fidel em esgarar terra de nascidas a imagina de meu irmão e reproduz o estidamente mas como se eu tivesse visto, como se eu nossemos de laigo de mim mesmo talo. Peço Arnaldo com quem se parece essa imagem do Camargo. Muitas vezes até me persuade que dejes tu o meu irmão. E quando assim penso affro horrivel morte, grossas barbas e virras soltas pelas minhas faces, deiro e... deiro morrer.

(cabeça)

Arnaldo

(beijando-a) Porquê? Sempre com esses pensamentos que te desobrigam. Pois tu não vez que é completamente impossível ver o teu irmão? He sempre mil bores que nos arredam, assim aclaramemto que inesperadamente apparecem e animo de tudo a voz da consciencia que é a voz de Deus nos advertira.

Hda

Sim meu bom amigo é isso que me doega. Deus não poderia permitir o nosso casamento se por ventura fossemos irmãos. No entanto sempre tal este presentemente. Quando cobriam

85
sua tua mesma vontade irrosentido de me lançar aos teus braços,
ocorria-te todas as vezes egressas todas as minhas saudades
porque não era tu um irmão. Uma vez estive a visitar um
apetomaras. (triste) Nessa ocasião não sabia que tinha por
nem que tinha um irmão.

Arnaldo

Seja filha deiza-te d'esses pensamentos. Continuemos e nos
so parecia pelo parque. Levantando-se fomos procurar Geraldo
e dizer-lhe que nos auxilie na árdua tarefa de procurar um
seu irmão.

Ida

Sim senhor. Geraldo é um bom amigo e um bom prote-
ctor. Talvez nos sirva de muito. (dá o lugar a Arnaldo e
sai D.A.)

Scena III

Geraldo só

Geraldo

(apparecendo D.B.) Não infelizes esposos! Não goas com felici-
dade que vos amanda e occupação emquanto o tempo se esvai
de todos os vossos momentos de escrever a grave situação em que
vos encontrades. (indo ao meio da scena e cogitando as coisas no
seu) Oh! Deus permitta que a estes dois anjos nunca lhes fura
ca na alma e no coração a alegria e a felicidade que dis-
fructam! Questionei o segredo nunca lhes seja revelado! (com
tom natural) Irmãos! Desastrosas consequências d'um pe-
que não soube ser pai e d'um homem que não soube
ser homem. Procuram-me não sei para quê e eu não te-
nhes forças para lhes apparecer, mas é preciso, e antes occor-
rem. (sai E.A.)

Scena IV

Geraldo Proquil e Arnaldo da Fonseca

cos, (Enquiel e Arnaldo da Fonseca entrando pelo Sr. Enquiel muito
mas contente)

Enquiel
 Arnaldo Jeraldo é sempre bom vindo quem traz uma notícia
 boa.

Jeraldo
 (abrassando-a) Ah! meu bom amigo por aqui sem nos dizer ma
 do... vir de tão longe... deve ser grande a novidade que aqui es
 tra.

Enquiel
 Sim, é grande e importante. Não me dá ao gosto uma abrup
 ta... desistência, não encontra em mim uma satisfação que mal posso
 sentir. Não sinto no meu peito um grande contentamento.

Jeraldo
 Sim, sinto tudo isso, não sinto mas não posso impedir não
 adinha a mim da sua satisfação, da sua alegria.

Arnaldo da Fonseca
 (inquieta) bom Sr. Enquiel está muito feliz.

Enquiel
 (para Arnaldo da Fonseca) Já sei o motivo do seu estado. (para Jeral
 do) E o Sr. já sei saber a causa da minha alegria. Mas primeiro
 quero que me apresente. Não este meu amigo. É um cora
 mineiro que trouxe a honra de combater na França e que vem de
 Portugal traz os Méritos devidamente para falar ao Sr. D. Silva.
 O sumpto de alta importância e traz aqui devido a elle tam
 bém eu aqui me encontro. (para Arnaldo da Fonseca) Meus
 amigos até se é o bom Jeraldo e grande protector de D. Silva
 que a educação d'um criança segundo a doutrina de corinthos ce
 mo se fare seu verdadeiro pai.

Arnaldo da Fonseca
 (para Jeraldo e cumprimentando-a) Sim, Jeraldo é para mim um

momento honroso e dar-lhe a mão de amigo. E permissão, me que
lhe dá um abraço íntimo (abraço?) que traduz a encarnação
to e a gratidão pelas involuntárias feras que peço a D. Hta,
colocando-a sob a sua valerosa proteção, quando a com os
seus conselhos de paz, educadora e com os seus exemplos de fidelida
de.

Jeraldo

(abraço palhado e como abraço) Mas eu nada fiz... eu nada valho...
a sr^a D. Hta nada me deve...

Arnaldo da Fonseca

Dize-lhe tudo sr. Jeraldo. Estou ao facto de todos os acontecimen
tos que se derem desde a impetria de D. Hta até hoje. Cor
Esquiel homem de nobres sentimentos e da sua prosperidade
do me conta.

Esquiel

(para Jeraldo muito contente) Então adá que fez bem?

Jeraldo

Não. Isso nunca se diz. Mas afinal ainda não pude compra
bender qual o curso d'estas resoluções impetadas e principalmen
te a de V. Ex^a que me deixa perplexo sem saber o que dizer e
que deduzir de tudo isto. Deu-me um abraço de encarnimen
to e de gratidão pela proteção dispensada a mimho por Hta
nem de tão longe para lhe falar... esse seu interesse... não sei;
confesso que não comprehendi nada. Diga-me pois quem é?

Arnaldo da Fonseca

Um pobre abandonado que nasceu sob os auspícios d'uma
cruel sorte e que tem caminhado sempre a mercê do destino, e
me andoinha perdido no decurso da vida, como seilha equiva
da desgarrada do rebante, como a prisionha imphora que
frou cega no abismo. Quem sou? Um infeliz que é apertado
para esse hedonista enorme que se descomenno mundo onde
bruta a miséria e regista o crime. Quem sou? Um desgarrado

e que me deu e amou, conheceu meu pai; um filho que nunca con-
 teu peisar nas suas fozas e sabies maternas. Quem sou? Um
 enfeitado, sem esforço, sem abandonado que tem sempre vivido
 e se salientando como esperanças raras, incerta de ainda vir a
 conhecer meu pai. Quem sou? Um jovem que passados tantos
 annos vividos sobre mais critic e climas ardentes da Sphera
 e no meio das floculas virgens da America, fugindo sempre
 como um reptato da sociedade e que sentindo se violentamen-
 te atocada pelas nostalgias pelo amor da patria se praxo no seu
 pai, parecido aselendo com socas e perca de tanto haba hios suf-
 fletos de tantus esperanças perdidas, o proger incapel indovid-
 imo pterol de encontrar um socio patrisal que aqueça o seu peito gela-
 do pelo impetunio, pela esparandente. Quem sou? Primão de N.
 da que se deapja lançar nos seus braços e dizer Me mil vezes
 a minha alma, minha vida, minha vida, meu coração, minha affe-
 cto, minha vida de caricias.

Gerardo

(cada vez mais admirado) Mas agora é que eu não comprehendo
 nada! Primão de N. (para Ezequiel) Então o Sr. Arnaldo da
 Fonseca, o marido de D. N. não é...

Escola Superior de Teatro e Cinema

Ezequiel

Não meu bom amigo. Não é seu irmão. Uma precipitação
 um engano da minha parte é que saoreu este quierio. Eu me
 vou embora, e para melhor sou dar-me esta carta que secribi
 ha poucos dias de bom do priro de Triz o Macuto. Diz elle
 « Meu amigo não pode ambular o constantemente de que estão
 passuido no escrito. Me esta carta. Como sabe tambem chorado
 muito a morte do meu Arnaldo; vivia triste por não poder
 cumprir a missão ardua de que fui encarregado. O Arnaldo
 a quem eu tratava como se fosse meu filho, fugia-me quan-
 do tinha 13 annos; e por mais que eu interrogasse por mais que
 procurasse foi impossivel saber noticias d'elle. Um dia pedem sobre
 a triste nova, que havia falleado. Não pode imaginar meu
 amigo o que eu soffri então; julguei não serotio a tamanha dor

gosto, poseus a resignação que é uma virtude, pouco a pouco
me foi conformando com as desiquias do H. Henrique. Quando
tão lagrimas scindidas, quanto desgostos soffidos, nem eu
sei. Não dois moços podem entrar na salvação um moço que
de joelhos a meus pés genui e chorar supplica a minha ben-
ção e pede o meu perdão. Beijou-me as mãos e disse-me ade-
u e o seu Arnaldo que lhe fugira ha 17 annos, perdôo-lhe por
que já se arrependeu. Não pode calcular se Enquiel se como
moço que sente. Trazia ventura! E reconhecendo o alago a
quelle moço dizendo-lhe a Meu filho si bem estudo estas
perdoado! - Fiqui tem se Enquiel como me fôra de tantos
annos de choro, encontro o meu Arnaldo. Apprese-me pois a
dar-lhe esta novidade porque sei que é ha de tambem me
de abegião. Disponha-se sem pre d'este pobre padre. Jacinto
Candido Figueiredo

Gerardo

(que se tem conversado attento durante a leitura da carta)

Mas tanto Deus! Sem paixão! Qual o outro se Arnaldo
da Fonseca quem é?

Enquiel

Não se atropalle sr. Gerardo, ou já conheço. Quando
alivi de ler esta carta, sabia tambem das nuances, quasi não a
meditando no seu conteúdo; terei-me dos bons estudos e fui até
Tray-os Montes; fui certificar-me com os meus proprios olhos.
Não havia duvidas era elle. Depois perdi-me em conjecturas
sobre quem vinha a ser o marido de S. I. Investigui, in-
quii, consulte muito e obtive afinal provando com documen-
tos o seguinte: - Sr. Fonseca, pai de Henrique de Medeiros, te-
vera um outro filho de nome Josph de Mattos, e este enamo-
rou-se de Helena da Silva filha de Hermingarda da Silveira,
houve um filho desse namoro que lhe deram o nome de
Arnaldo da Fonseca e mais o appellido de Medeiros por se o
sobrenome da mãe doptora que o criou, e sobrenome que o ma-
rido de D. S. não era. - Ora os nomes de Arnaldo, e Fon-
ca são respectivamente os nomes dos pais de Hermingarda,

bons de Helena de Alceira; e de Henrique, e Gaspar de Mattos. Com
 acompanhando-se d'aqui que o marido de Helena é seu primo.

Jeraldo

Mas o signal que elle tem no pubis não me dirá?!

Ezequiel

Tambem é meu claudar sobre isso. Ora fazendo-me apressa a tal
 apezar, não descansei em quanto não estive cada seis meses que
 são os equinotios. Elle tirava com tempo no pubis a queda de um
 nudo caravelado que teve como si de rês de ser operado; ficando depe
 sa a cicatriz com cruz. E foi este organo e a idade também meu
 amigo que me levaram a este que o marido de Helena era seu
 irmão.

Hernando da Fonseca

(inquieto) Bem agora que estão todas as explicações dadas em
 suas proceas, não, porque não adiviso de a abraçar.

Jeraldo

(muito contente) Vamos meus amigos saíam. Pensei em umas
 duma nova fase, que removi vinte annos. Não está nem um
 de contente. Vamos mais um pouco para aqui. (caindo E. A.)

Scena V

Henrique só

(entrando D. A. em traje de peregrino; barbas compridas, oculo no
 humbro sem muito abate, coberto de pó, apparece a um lado
 e está sempre a trancar)

Henrique

Vagueio por este mundo de Christo como escurra sua vida, expi
 ando atrozmente as minhas culpas. Quante como o judeu do
 lenda, emisso he sempre, sempre até a consciencia esta existên
 cia cheia de remorsos. Por onde quer que passo, ou se desu pe a

cog da minha filha, amaldiçoar-me! Quando quero saciar a
 sede as fontes me dão murmurio, dizem amaldiçoadas; quando
 o sangue me sobra, as fontes ferozes e sem alicerme, ferozes
 duros, elle em voz cavernosa me dizem amaldiçoadas, amaldiçoadas,
 minhas! Os filhos dos prados tão singelas e innocentes profere
 a terrivel sentença, amaldiçoadas; e meute e com abiltar re
 tallando-me as faces dizem amaldiçoadas; e mais infucada de
 meus amaldiçoadas; os valles, os montes, e ribombas do boião e
 fuzilas de S. Lampago; a tempestade medonha em todos os
 seus quardos parvozes, tendo-me dizem amaldiçoadas! Oragido
 da natureza, se me acordar também dizem amaldiçoadas a minha
 rola e os meus gemidos tristes e chorando e perdendo-se na flo
 desta dizem amaldiçoadas; e até o proprio pão que me nutre, a
 si sacacola dizem amaldiçoadas. (Quando de pedras e em sup
 plida) Oh Meu Deus! meu Deus, fôrta maldição, perdoa-me
 Senhor! (com transporte) Senhor! Senhor! Tu que tanto soffres
 de bebendo o fel da serpente. Tu que levas te aos humilhos e
 pedras de humilho! Tu que dejas te sangrar as carnes pelo infinito
 amor por nós! Tu Senhor que tanto pedas, que de racha toca
 e bulta foges beber agua limpida, Tu Senhor a quem os ce
 los obtemperam e as aguas do mar se aquietam; Tu Senhor que per
 doas te a peccadora Magdalena e que successo a cruz do sal
 vario perdendo a todos... perdoa-me também Senhor, que te
 sei a oração de pedregado, pela dor, pelo arrependimento!
 Senhor! Senhor! perdoas mil vezes perdoas! Tu o solido, fui man
 e cerniceo, mandando a honra de mim e doszellas... fiz inf
 fies, amarte e amarte a minha filha, a Utagana, matar a
 a abas, ia a acastida para a vorada de crime... das prostitu
 tas, eu me arrependo. Senhor! esta alma afflicta pode perdoas,
 concedi-lhe Senhor! Tu que es misericordioso! Tu que foges
 milagres, fizci com que minha filha me perdoas todo o mal que
 lhe fiz. Toca-lhe no coração e elle me perdoará. — Hermingarda tu
 que estás no céu perdoas-me também... (o que se enfiado como
 devotado, parece vir no céu o corpo de Hermingarda) Hermin
 garda!... Hermingarda! matia... amancia (dando um pas

... para a frente) ali! ali! está ali! recordando-se em convulsões no
 ... (recoando) aquelles olhos aguçados... me medo...
 ... aberta e pulsando... morte... aquil-
 ... gemido... (espavorido) sacudam! corram! matem-me! Não chorem
 ... (curioso) has de ver minha... nunca?! (triste) há
 ... me para o cemitério... morreu... (imperativo) Quem está ali?! É
 ... Caquiel... quem é Ilda?... táma a... (como recordando-se) Ilda!...
 ... Ilda! Ilda é minha filha... é filha de Hermingarda! Ilda!...
 ... com Ilda... é minha... (choro) perdoa-me filha do meu coração...
 ... não vez que soffro horrerosamente... perdoa-me... (com alquebrado
 ... dos bancos do jardim) perdoa-me. (cessa a música durante
 ... 20 segundos) Mante soffro, e é remorso que me tortura e não
 ... perdão nem de Deus nem de minha filha. (com deca-
 ... De ninguém. Camarões assim sentem um storno maldi-
 ... de porta em porta e sustenta. (chorando - se deita
 ... terra e berdao puerperando-se para o ar) Nunca mais
 ... minha filha... não sei onde está... e seu perdão nunca
 ... obterei. Vámas, caminha, caminha, polse o fio até morreres
 ... não sei d'alguma estrada. (sac. D.A)

Escena VI teatro e Cinema

Scena VI

Henrique, Arnaldo Mendes, Arnaldo da Fonseca, Geraldo

Caquiel e Ilda.

Ilda vem entre Arnaldo Mendes e Arnaldo da Fonseca, Ca-
 quiel e Geraldo um pouco mais abax vim conversando. (Entram
 E.A)

Henrique

(compre d'olhos baixos apressa e corre ao grupo para o
 shopen e supplica) Vem a mim, pelo divino amor de Deus!

Ilda

(aparte) Meu pai?!

Hernande da Fonseca

(aparte) O pobre de ainda agora!

Hernande Mendes

(aparte diante d'inhirio de todos e ficando com elle as mãos em mo. estatico) Lembra?!?

Jeraldo

(aparte) Será possível Meu Deus!

Erquiç

(aparte) Henrique?!... (todos estes apartes devem ser sempre rápidos)

Henrique

(Vendo que ninguém lhe responde pede novamente) Vem ahi, minha filha, dá-me o amor do Deus! (Mas lhe respondendo ainda quem ainda, segue a elle e dá com Elde que se estorce) Elde?!? minha filha?!? perdão. (apertado)

Elde

(correndo a erquiç e se beijando-a) Meu pai meu querido pai!

Hernande da Fonseca

(aparte e com muita admiração) Meu pai?!? Meu Deus!

Jeraldo

(aparte) Pai e filha.

Erquiç

(aparte indicando Henrique) Sobre homem.

Elde

Já há muito tempo que lhe tenho perdoado; e este hoje é (dando-lhe um beijo na fronte) o seu perdão e o muito amor por vó.

Jeraldo

(aparte) Que scena commovente.

Henrique

(cont. Arnaldo Mendes e pousando os para um dos bancos onde se assenta) Agora posso morrer desenganado. Sida já me perdoou, sua mãe também me há de perdoar, porque sua filha há de interceder por mim. (vonta-se) Filha roga por mim a Deus. Tenho soffrido muito, muito, e remorso e arrependimento fez de mim um mendigo. Incurara-te filha, e tambem a teu irmão, não sei onde está, não o conheço, meu pobre filho.

Enrique

O meu filho é Henrique (apresentando Arnaldo da Fonseca) aqui o tem.

Henrique

(recozendo-se abando muito os olhos e caindo depois de joelhos aos pés de Arnaldo da Fonseca) Filha... querido filho perdão-me. Oh! Deus eu vos agradeço! (Sida roga Henrique)

Arnaldo da Fonseca

Sim oh! Deus eu vos agradeço. Não pouco era um abandonado sem pai sem familia, agora sou um ente que vive a supressão e ternura de ter junto de si o auctor dos seus dias e uma irmã que o acaso lhe fez conhecer. Bem haja oh! Deus. (beija as mãos de Henrique)

Henrique

(abraçando Sida e Arnaldo da Fonseca) Filha não feliz sou. Perdoe a todos. Geraldo, Enrique perdoem-me tambem. Geraldo protege os meus filhos e (apontando para Arnaldo Mendes) marido de Sida segundo creio. (pausa) Sinto que vou morrer, o coração quasi que não palpita, foga-me a hy dos olhos. Filha Deus exote. Deus é bom. Que que morresse feliz abraçado a meus filhos. (abraça os filhos; Arnaldo Mendes redim e que pe forma do quando) Filha perdão. (morte. todas as falas de Henrique desta scena devem ser ditas como se fosse um monólogo que as duas

44
20
Hilda

(abracendo e apertando aos pés de Hilda que) Morreu, minha pobre
pai!

Hernando da Fozosa

(apertando também) Cassim que morreu uma joia.

Hernando Mendes

Subiu ao céu a sua alma.

Inequiel

(aparte) Feliz ao fim dum arrependido.

Jeraldo

(aparte e apontando para o grupo) Quando doerem! Pais, filhos
irmãos e esposos! Oh! Pais, abracem-se.

Fim

ESIC
Escola Superior de Teatro e Cinema

ACADEMIA INSTRUÇÃO SUPERIOR DE
CENÓTIPO DE
PERFORMAÇÃO CENÓTIPO
ANTIGO TEATRO TABOADA
RUA DO CASTELO 70
LISBOA

